Cinearte

ANNO VI N. 256

Brasil, Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1931

Preço para todo o Brasil 1$000

RAQUEL TORRES

FRE
MOUL

REVISTA
POPULAR
TODA
EM
ROTOGRAVURA
OTTO SACHS.

ECTOR

Cinearte

GLORIA, VOCÊ AINDA BRILHA...

ALGUNS dos jornaes profissionaes norte-americanos perderam já aquelle ar de displicencia com que encaravam a producção européa e vão-se mostrando mais ou menos alarmados com as possibilidades que o film sonoro abriu aos seus rivaes até aqui esmagados por sua victoriosa concurrencia.

A lingua ingleza é falada no universo por muitos milhões de individuos, mas o inglez da Inglaterra está para o inglez da America como o portuguez d'além-mar para o que falamos no Brasil. As companhias theatraes portuguezas se não fosse a colonia não fariam entre nós para as despesas.

No film norte-americano já as legendas provocaram as queixas e a critica dos filhos da Inglaterra e jornaes houve que chegaram a propor que a censura restabelecesse a lingua no original antes de permittir a sua exhibição.

Com o film sonoro, as coisas peoraram — o falar anasalado dos "yankées" soa mal aos ouvidos da loura Albion.

Dahi a critica inpiedosa da imprensa ingleza.

Depois, com as medidas restrictivas da importação, a defesa do idioma contra a invasão ameaçadora do film falado, creou novo alento á industria local, que parece sahir do seu marasmo.

A prova de que a industria norte-americana do film sentiu a insegurança do terreno está no facto de estar financiando a producção de films em outras linguas.

Já na semana finda ouvimos um film Paramount em quatro versões faladas, cada qual em um idioma.

E sabe-se que esta, como outras empresas, contractam artistas francezes, hespanhóes, allemães, italianos e portuguezes para a sua producção sonora.

Esse alento novo, haurido do advento do film falado, já o previramos de muito e nos espantara da demora por parte dos productores europeus, só explicavel pela crise financeira mundial.

O francez sempre manteve, **malgré tout,** seu prestigio de lingua literaria. Em todo o mundo, mesmo na França e Estados Unidos que timbram em impor sua lingua ao mundo inteiro, o francez é corrente nas classes cultas.

Se o film francez surgir em condições de estabelecer concurrencia com o norte-americano, sua victoria é infallivel.

Pena é que o espirito commercial dos francezes não corra parelha com o brilho de sua literatura. O facto é que por essa falha o film francez foi escurraçado de todos os mercados, o film mudo; agora com o film falado o ensejo apresenta-se favoravel.

Já tem havido alguns ensaios mais ou menos felizes e é, parece, a esses ensaios que se refere alarmada a imprensa profissional norte-americana, que enxarga longe, mais longe mesmo do que o proprio productor francez.

E' opssivel que o prestigio do **dollar** consiga afastar o perigo e o mercado acabe mesmo açambarcado pela finança do **yankee;** uma cousa, entretanto, de utilidade resultará da luta: a confecção de films em idiomas varios, o que é sempre melhor do que o film em inglez puro e simples.

Nós por aqui iremos ouvindo as versões hespanholas, com certeza como mais approximadas das que poderiam ser feitas em nossa lingua

E isso até que nos resolvamos com o incremento de nossa industria a provocar a attenção dos magnatas da industria para o nosso mercado.

Devagarinho vamos marchando para a producção nacional em moldes firmes e seguros.

A' segurança dos nossos passos nesse sentido tem de corresponder o triumpho final.

E é da industria nossa que hão de surgir os primeiros films sonoros brasileiros.

Quem viver verá.

ANNO VI
NUM. 256
21 — JAN. — 1931

Cinema do

Innumeras são as leis e os systemas adoptados por varios paizes para a protecção da sua industria cinematographica...

O systemá de "quotas" usado na Allemanha, por exemplo, parece-nos o mais pratico. Entretanto, este e outros systemas que conhecemos só poderão ser applicados nos paizes que já tenham mais movimento industrial que o nosso.

Estamos caminhando para uma situação melhor, mais importante, seria, de grande actividade e movimento, não ha duvida, mas ainda não chegámos a este resultado, esta é que é a verdade. "Cinearte" não sonha.

O que desejamos é possivel. Mas temos que dar mais um pouco de tempo ao tempo.

O nosso Cinema tem crescido gradativamente. Vem do nada, como já dissemos.

Tudo, o menor detalhe foi necessario fazer. Ainda não venceu, porém, a incredulidade, se bem que já a tenha ferido por varias vezes...

Os nossos directores nada têm realizado á sua vontade. Têm sido menos contra-regras theatraes. Só agora é que vamos obtendo outro ambiente e mais conforto para trabalhar. E os nossos films têm acompanhado esta situação, têm sentido esta influencia.

As nossas possibilidades ainda não estão em dia.

Estamos agora realizando o que pensavamos ha tres annos. A verdade, porém, é que já progredimos muito. A nossa marcha tem sido vagarosa, porque vem do nada para o pouquinho. Mas deste pouquinho ao muito, vae mais depressa.

Carmen Violeta apparecerá em "Mulher", film da Cinédia.

Carmen Santos e Nally Grant

Os nossos passos eram incertos, mas agora são seguros.

Muito breve já estaremos com a nossa industria num ponto que naturalmente será considerada pelo governo.

Para defender, porém, o nosso Cinema, seria necessaria tambem a escolha dos films a serem protegidos como está fazendo a Associação Cinematographica Argentina, presidida por Antonio Manzanera. E que espinhosissima seria essa missão, no Brasil... onde o meio cinematographico ainda não está educado e as intriguinhas a i n d a crescem com e x u berancia...

Para uma industria ainda pouco d e senvolvida como está a nossa, com doze films, mas apenas tres ou quatro exhibiveis por anno, a melhor protecção será a sua propaganda.

Groff filmando uma scena de "Patria Redimida". E' um film natural sobre a revolução.

Mais animação e menos incredulidade. Premios, talvez, se não houvesse questões com o jury... para os melhores films do anno, como se tem feito na Australia e actualmente na Hollanda.

A presença de um chefe de Estado na "premiére" de um film brasileiro já seria um enorme auxilio.

Estamos numa situação que talvez apenas precisemos de prestigio. Isso mudaria a opinião de muita gente que ainda vae ver films brasileiros com o exclusivo espirito de critica e observar as cousas mais sem importancia. Um outro gran-

* * *

A frequencia nos Cinemas da Austria decresceu de 30%, facto este que se justifica com a crise reinante.

* * *

Richard Barthelmess felicitou a Columbia e Richard Cromwell, particularmente, pelo seu trabalho em **David, o Caçula** (Tolable David), que, como sabem, foi, em 1922, o maior successo de Barthelmess. E a critica de Hollywood, toda, é unanime em dizer que a versão falada, dirigida por Blystone é notavel.

Tamar Moema e Raul Schnoor

de impulso para o nosso Cinema seria a baixa do imposto de entrada do film virgem, questão esta já muito debatida e explicada.

Mais outro grande auxilio ao nosso Cinema seria facilitar as filmagens nos nossos jardins e outros logares publicos. Ninguem imagina o quanto tem prejudicado o nosso Cinema as prohibições absurdas que existem para a filmagem de certos jardins e departamentos do governo.

Aqui poderiamos relatar factos interessantissimos a este respeito. Só a resolução deste problema auxiliaria mais o nosso Cinema do que esta lei proposta por aquelles pandegos "industriaes do film".

E o mais, o que precisamos é de um pequeno departamento á feição da "Organização Hays", americana, cujas vantagens trataremos depois, já que o novo orçamento da Prefeitura agora organizado depois da revolução já resolveu o grande caso dos impostos para fabricas de films que apenas eram pagos por duas pessoas...

* * * Carmen Santos, esta figurinha interessante que todos nós conhecemos e cuja coadjuvação para o nosso Cinema não tem sido apenas a de prestar o seu concurso artistico, vae ser a estrella do proximo film de Mario Peixoto, provisoriamente intitulado "Sophisma", tendo como galã o conhecido Ubi Alvorado, do "Piloto 13".

Mario Peixoto, o director de "Zenite", está-se cercando de todos os elementos para produzir um film que bastante prestigiará o Cinema do Brasil.

Todos os interiores serão filmados no Cinédia Studio. **Didi Viana...**

* * *

Brasil

Humberto Mauro colheu um novo elemento, Luiz Lacerda, para um dos principaes papeis de "Ganga Bruta".

* * *

A Russia produziu 130 films de enredo, este anno, 417 jornaes, 167 films educativos.

Genesio Arruda e Lily Malaga numa scena de "O babão"

* * *

Land Rush, da Fox, terá Victor Mac Laglen no primeiro papel e Robert Warwick, de saudosa lembrança, no segundo.

* * *

The Command Performance, da Tiffany, producção de James Cruze dirigida por Walter Lang, terá Neil Hamilton no primeiro papel e Una Merkel coadjuvando-o.

* * *

Darryll Zanuck, William Wellman, Ray Enright e John G. Adolfi foram ao Canadá fazer uma caçada.

— Assassino!

Foi a primeira palavra que lhe veiu aos labios.

mysterio do

PRODUCÇÃO DA EPICA FILM DE S. PAULO

CLEO VERBERENA .... *Cleo*
Laes Reni .... *Virgilio*
Rodolpho Mayer .... *Tenente Renato*
Emilio Dumas .... *Commendador Fernando*
Nelson de Oliveira .... *Marcos*
Lina Vera .... *Noiva de Renato*

Directora: — CLEO VERBERENA

E' um film brasileiro

No fim daquelle primeiro dia de Carnaval, Marcos regressou ao quarto que occupava com seu collega Virgilio, ambos estudantes de medicina e trazia, na canceira das folias em que se mettera, um grande desejo de tombar dentro dos lenções e só despertar no dia immediato, para a continuação daquellas "farras" que tanto o divertiam.

Tirou seu paletot, desapertou seu collarinho, dirigiu-se ao armario para guardar sua roupa e, quando o abriu, teve um recuo apavorado e um gestc de profundo choque: estendido no fundo do mesmo, apparentemente adormecido, o cadaver de uma mulher. Trazia um dominó preto sobre o corpo e quando as mãos tremulas de Marcos lhe tocaram, transmittiu-lhes o frio da morte que a tolhêra nos seus primeiros annos de vida, ainda.

Mais calmo, Marcos olhou-a

Era joven. Apparentava uns 26 annos, se tanto e, no semblante, tinha a placidez daquelles que morrem suavemente. Mas o receio da culpa sobre elle o invadiu logo e, immediatamente pensando na maneira mais rapida e mais pratica de sahir dali, não distinguiu os passos de Virgilio que chegava e já vinha ao seu encontro.

— Mascos, ouve-me!

— Vamos, Virgilio! Explica-me isto! Por que "liquidaste" esta creatura?...

— Marcos, não fui eu!

— Então, vamos! Conta-me o que houve. Sabes que sou teu amigo, que tenho o direito dessa confissão.

Virgilio sentou-se. Acabrunhado, immensamente abatido, não tinha forças para começar. Marcos olhava-o. A emoção do primeiro susto já se fôra. Calmo, agora, elle comprehendia que seu amigo não fôra o autor daquillo. E, mais curioso ainda, espicaçou-o para a confissão.

— Marcos. Eu conhecia esta mulher. Chama-se Cleo. E' esposa do Commendador Fernando Almeida, conheces?

— Sim. Ella é esposa delle?...

— E. Hontem á tarde, deves-te lembrar, brincavamos na Avenida. O corso estava animado e eu, em dado momento, não mais te vi No meio daquelle borborinho todo, entretanto, ouvi uma voz que me chamava: "Virgilio! Oh, Virgilio!". Olhei. Era ella. Approximei-me. Subi para o estribo do seu carro e, ao pas-

DOMINÓ PRETO

so que o corso continuava, eu comecei a molhar seu rosto com o ether do meu lança-perfume. A principio, senti-me animado. Depois, quando ella me apertou a mão, senti-a quasi gelada. Sua voz era cavernosa e o seu todo demonstrava uma immensa e terrivel agitação. "Que tem?" Foi a primeira cousa que lhe perguntei. "Entra e escuta!". Respondeu-me. Fiz o que me pedia e, ao seu lado, o carro já em movimento, eu soube, por ella, que se achava immensamente mal e que carecia de medicamento urgente. "Envenenada, Virgilio! Eu estou envenenada!"... Comprehendes, Marcos, a minha afflicção. Que fazer? A primeira idéa que me veiu, naquelle instante, foi sahir do corso, correr para minha casa. Lembrei-me que aqui tinhamos agulha de injecção e algumas ampolas de óleo camphorado ou outro qualquer reanimador. Queria, antes, passar por uma pharmacia, se possivel fosse, embora soubesse que todas se achavam fechadas, naquelle dia. Assim fiz. Com pernas tropegas, mal se sustentando amparada a mim, levei-a para uma pharmacia. Estava fechada e fechadas estavam, tambem, outras duas que procuramos. Foi ahi que resolvi trazel-a para cá. Chegamos.

Ella cahiu quasi exanime sobre aquelle divan e eu, immediatamente, pensei no reanimativo. Ministrei-lhe a injecção e ella, na verdade, só serviu para que tempo houvesse e ella me contasse o que se passara. "Recebi este recado, Virgilio!". Mostrou-me. Era uma carta, toda dactylographada. "Espero-te no Trianon, ás 5 horas, Cleo. E' assumpto urgente. Do teu Renato." Depois, continuou as suas palavras interrompidas emquanto eu lia o bilhete. "Eu estava em casa, meu marido jogava *poker* com alguns amigos. Não quiz ir. Depois, lembrando-me delle, do bom... perdoa-me Virgilio, do bom e amoroso querido que sempre foi, para mim, resolvi ir. Deixei meu marido a jogar e dirigi-me ao ponto marcado. Lá estava elle. Agora reconheço tudo: trazia um dominó preto, igual ao meu e uma espessa mascara a cobrir-lhe o rosto. Falou pouco. Pretextou saudades de me ver e, distrahindo-me com alguns *cordões* carnavalescos que passavam, envenenou a bebida que me offerecia e que, desprevenida, tomei. Depois... "Foi o quanto ella me disse. Entrou depois em crise e, segundos após, morria, sem que eu, no maior susto e na mais absoluta afflicção, pudesse fazer qualquer cousa, nem sequer chamar a Assistencia, recurso que seria salvação, talvez, naquelle instante. E' tudo quanto te sei dizer.

— Não estás mentindo, nem uma palavra?

— Juro-te, Marcos, pela nossa amisade!

— E aonde a conheceste, Virgilio? As palavras que lhe attribuiste eram intimas para comtigo...

— Conheci-a ha tempos, Marcos, quando eu ainda praticava no Instituto Paulista. Ella levou, para ser operada e ficando aos meus cuidados, uma velha ama que fôra, na sua meninice, tudo quanto de mais carinhoso tivera para comsigo mesma. Eu a tratei com o maior desvelo. Entre nós, rapidamente, estabeleceu-se uma intensa camaradagem e um amor violento, pouco a pouco. Depois que a beijei, que a tive nos meus braços, comprehendi que a queria profundamente. Notava-lhe um todo mysterioso e uma persistencia em me occultar alguma cousa da sua vida. Uma occasião, em Santos, depois do nosso banho de mar, ella me apresentou a um senhor de certa idade, bem parecido, e me disse, friamente: "Virgilio, este é meu marido, Commendador Fernando Almeida e este, Fernando, é o

rapaz do qual te falei, que com tanto zelo tratou da minha ama". Esfriei. Sabes, perfeitamente, que mulheres casadas sempre foram minha aversão. Cleo, além disso, era demasiadamente espalhafatosa e pouco se incommodava com o demonstrar ou com o occultar seus sentimentos. Se continuasse aquella farça, seria, com certeza, seu amante em pouco tempo e aquillo ás claras, no seu proprio lar, talvez, dado o seu temperamento sensual, despotico. Não quiz. Preferi deixal-a e foi o que fiz. Depois disso, o nosso unico encontro foi hontem, minutos antes della morrer, envenenada. Pelo bilhete vê-se, claramente, que esse Renato é seu amante. Precisamos descobril-o. Talvez elle seja toda a chave do enigma...

Fizeram-se silenciosos os dois amigos. Marcos conhecia Virgilio de sobra. Sabia que eram verdadeiras as suas palavras e, bem por isso, temia pela sua liberdade, porque, se não o auxiliasse e se a solução não fosse feliz, estaria elle compremettido e seria fatalmente preso. Num instante, na premencia daquella situação angustiosa, resolveram agir e o plano que traçaram foi bom.

—o:-:o—

Na manhã do dia seguinte, o segundo de Carnaval, Virgilio rumou para o Quartel aonde sabia existir um Tenente Renato que, pelos dados que colhera na policia, era, com certeza, aquelle mesmo do bilhete. Introduzido ao mesmo, interpellou-o:

— Estou aqui, Tenente, como jornalista e desejaria ouvir alguma cousa da sua competencia sobre alguns problemas deste sector militar que orienta.

— A's suas ordens, Sr....

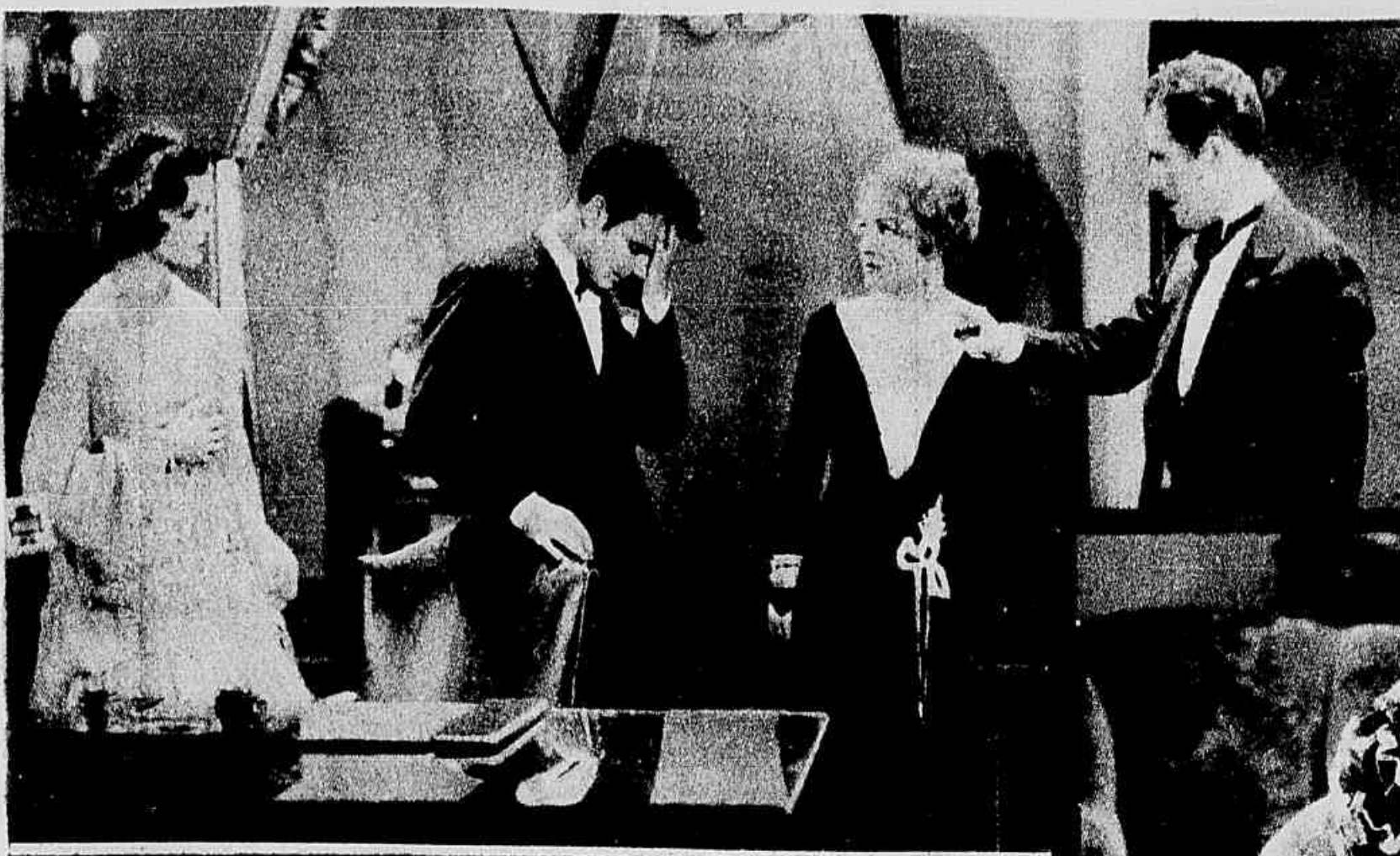
— Virgilio Lemos, seu criado.

— O que deseja?...

— Desejava, Tenente, antes de mais nada, dizer-lhe que hontem eu o vi, estou bem lembrado disso, no Trianon, em companhia de Madame Cleo, esposa do Commendador

(Termina no fim do numero).

ESTRELLA
DE
"CANÇÃO DO
BERÇO",
FILM....
FALADO
EM
PORTU-
GUEZ...
Corina
Freire...

Rosa encantadora

(HARDBOILED ROSE) — *Film Warner Bros.*

MYRNA LOY	*ROSE DUHAMEL*
William Collier Jr.	*Edward Malo*
John Miljean	*Steve Wallace*
Gladys Brockwell	*Julie Malo*
Lucy Beaumont	*Grandmama Duhamel*
Ralph Emerson	*John Trask*
Edward Martindel	*Jefferson Duhamel*
Otto Hoffman	*Payton Hale*
Lloyd Shackelford	*Mordomo.*

Director: — *F. HARMON WEIGHT*

Viviam, naquella velha mansão, em New Orleans, Jefferson Duhamel e sua velha mãe, invalida, para conservar um lar que fôra o orgulho dos seus antepassados.

Payton Hale, socio de Jefferson Duhamel, no emtanto, era o visivelmente descontente naquelle ambiente todo de apparente perfeita paz. E' que elle sabia perfeitamente, das escapadas que o amigo vivia dando para a casa de jogo de Julie Malo e, o que era peor, que já estava radicalmente apaixonado pela mesma creatura que era, segundo todos affirmavam, aventureira da mais refinada especie.

Palavras, accusações, conselhos, de nada valeram a Jefferson. Elle tinha seu caracter formado. Nem resistencia offerecia ás tentações do jogo e, muito menos, aos carinhos que via nos olhares e nas attitudes manhosas de Julie Malo. De fracasso em fracasso, diante daquella banca, Jefferson perde vultosas sommas e, arruinando sua fortuna particular ainda é obrigado, para evitar posteriores escandalos, a assignar uma letra no valor de 2 mil dollares como garantia da sua divida.

Julie, seu filho Edward e Steve Wallace, o verdadeiro dono da casa de jogo, que se occultava sob o nome de Julie, por conveniencias particulares, não apreciavam aquella situação. A crise das finanças de Jefferson Duhamel, para elles, era contristadora e, assim, por todos os meios elles procuram evitar que se dê a banca-rota daquelle assiduo frequentador do logar e particular apaixonado de Julie...

A situação de Duhamel, entretanto, é das mais angustiosas. Endividado, arruinado, mesmo, com titulos assignados para cobrir dividas suas, seu socio enfurecido contra elle, nada ha que possa fazer que lhe traga lenitivo á imaginação cansada de tantas emoções. O regresso de sua filha Rosa, que terminara seus estudos, é, no emtanto, o seu maior problema.

Chegada que foi, Rose, antes de mais nada, inspeccionou o ambiente. John Trask, ali, era o unico que lhe convinha para um *flirt* e, sem ligar a mais nada, entregou-se ao mesmo, ao ponto de, mezes depois, pedir ao seu pae que consentisse no seu casamento com John, secretario particular do "velho" e rapaz muito sympathico, segundo a opinião della... A velha avó, entretanto, é que se oppõe. Acha que é preciso, antes de mais nada, saber se elle é da familia dos Trasks, da Virginia, e diz, mesmo, que só consentirá no casamento de sua neta se isto ficar provado.

\+ + +

Dias depois, Julie chama Jefferson ao telephone.

—Podes vir até aqui?...

—Para que?

— E' que tenho um negocio importante a resolver comtigo.

Jefferson não trepida. Immediatamente põe-se a caminho da casa de Julie. Lá, minutos depois, ouve as pretenções de Julie: casarse com elle, e, assim, liquidarem a divida de jogo que estava pendente. Elle, entretanto, não concorda. Amava-a, era certo, mas dahi para casamento... E, depois sua filha Rose estava noiva e não era decente que elle a offendesse com semelhante escandalo. Começam a discutir. Julie sob seu ponto de vista, Jeffernon sob o delle. E, da discussão nasce o escandalo em forma de ameaça: ou elle arranjaria immediatamente o dinheiro para solver a sua divida ali empenhada em forma de letra, ou a mesma seria protestada e impresso seu nome, escandalosamente, nos jornaes, como falcatrueiro.

Desesperado, Jefferson toma sua unica resolução possivel naquelle instante. Pede alguns minutos de prazo a Julie e, dirigindo-se á sua casa commercial tira, de lá, sem ser visto, as acções que pertenciam a seu socio e as entrega a Julie, logo depois, como pagamento da mesma divida. Recebendo a letra e vendo-a em pedaços, elle se retira satisfeito para casa e, ao mesmo tempo, já com seu plano todo traçado.

Tinha sido um canalha, um immenso patife com seu socio e grande amigo Payton Hale. Elle iria saber de tudo. Talvez não dissesse nada, porque era realmente seu amigo. Mas talvez dissesse e, assim, era, de toda forma, sua desgraça. Logo... Restava-lhe, mesmo, um unico recurso e, esse, elle o põe em execução logo que chega a casa: suicida-se!

Com o ruido do tiro, acorem todos. John Trask, quando entra na sala, depara com o criado ao lado do cadaver do seu futuro sogro. Accusa-o. Elle se declara innocente, naquelle caso e, quando a policia vem, John renova sua accusação e o criado é preso para indagações.

Rosa, desesperada, conhecendo a verdadeira origem daquillo tudo pela descripção que seu pae deixara, nada diz á sua avó. Diz-lhe, apenas, que o velho morrera em consequencia de um colapso cardiaco. E, depois, dirigindo-se á prisão aonde se encontra o criado, interroga-o minuciosamente sobre tudo e, por elle, vem a saber do desespero com o qual seu pae frequentava a casa de jogo de Julie, vem a saber sobre a letra que elle assignara e, assim, comprehende, ainda, que as acções só podiam estar lá e, immediatamente, toma a deliberação de agir de accordo com seu impulso natural para conseguir aquillo que seria a salvação da honra de seu pae e de sua familia.

Disfarçando-se, á noite, Rose deixa sua casa e dirige-se para a jogatina de Julie Malo. A unica idéa que lhe acudia ao cerebro, naquelle instante, era varrer, da memoria de seu pae, qualquer nodoa infamante que fosse menos digna para o nome sempre limpo de sua familia e, assim, maior interesse leva na sua acção decidida.

(*Termina no fim do numero*)

Mona Goya

E' franceza.
Já trabalhou
em films inglezes.
Fala hespanhol.
Agora está em
Hollywood.

BEN LYON

JEAN HARLOW EM "HELL'S ANGELS".

JAMES HOLL.

TRINDADE

(THE UNHOLLY Y THREE)

Um ventriloquo. Um anão. Um gigante. Trindade maldita...

Para o mundo, isto é, para aquelle publico que frequentava o grande circo, avido de emoções, eram elles curiosidades. Echo falava pelos bonecos; o anão exhibia-se aos que o achavam curioso e o gigante, Hercules, finalmente, demonstrava, nos pesos e nas barras de ferro que partia com grande facilidade, o poder incalculavel dos seus musculos.

Para elles, entretanto, bem que eram differentes. Formavam, sob a direcção e orientação de Echo, o chefe, uma quadrilha audaz e caprichosa: commettia os roubos e pouquissimos signaes deixava...

Rosie, uma mulher morena e bonita, era tambem da quadrilha. Quando o povo, espantado e attrahido, ia ouvir os bonecos de Echo falar, Rosie tambem ia ouvir. Isto é: ia *bater* as carteiras dos mais ricos e os relogios dos mais pobres que erguiam a cabeça e esqueciam os bolsos...

Assim levavam elles a existencia. Roubando, tornando a roubar, roubando novamente.

Quando as luzes do circo se apagavam e os bonecos de Echo paravam de falar, os braços de Hercules descansavam e o anão não fumava mais os charutões, as cousas mudavam de figura. Echo tornava-se meigo. Rosie era o seu amor, a sua adoração. Elle a queria, enormemente, mais do que a qualquer cousa deste mundo. E, ousado gatuno, não tinha entretanto, a sufficiente coragem para confessar esse sentimento á pequena.

Um dia, entretanto, as cousas tomaram outro rumo. As roubalheiras, no Circo, já tomavam grande vulto. Os espectadores já presentiam qualquer cousa e a gerencia do espectaculo, mesmo, começava a desconfiar de alguns dos membros da sua companhia. E, mais dias, quando o espectaculo corria seu curso normal, ouviram-se gritos. Era um homem que se dizia roubado e que, em altos brados, reclamava o seu dinheiro. Rosie fôra descoberta. Ao mesmo tempo, as artimanhas de Echo e dos seus dois outros companheiros. Antes que a policia despertasse, entretanto, garantidos, na retirada, pelos musculos formidaveis de Hercules, a quadrilha conseguiu fugir. E mais do que depressa, antes que alguma surpresa imprevista os detivesse pelo caminho, tomaram o primeiro trem que lhes appareceu e que, em pouco tempo, levou-os para New York. O allivio foi intenso.

— Pensei que me apanhassem!...

Era Rosie. A emoção cortava-lhe a voz.

— Emquanto fores nossa companheira, Rosie, nada de mal te acontecerá...

Era Echo, sempre confiante no poder dos seus mil e um artificios...

Em New York, num instante, passaram a agir de outra forma. Echo, cujo cerebro era o mais fertil de todos em machinações as mais inverosimeis, não descansou emquanto não arranjou sahida para aquelle problema e, assim, resolveu-se tudo, em pouco tempo.

Abririam uma casa de passaros. Papagaios, especialmente... Depois com Echo disfarçado como velha, entrariam pelo negocio que seria este: os papagaios seriam mudos, Echo falaria por elles no momento da compra. Depois, naturalmente, o freguez reclamaria. Ahi, para examinar o que havia, Echo iria visitar o papagaio e levaria o anão, num carrinho de criança, passando por isso mesmo... E, dentro da casa, estudariam toda a topographia do terreno a explorar, mais tarde... A' noite roubavam e, assim, sem que ninguem desconfiasse, iriam agindo livremente e á vontade, enriquecendo cada vez mais...

Pensado que foi, realizou-se com muito maior rapidez. Foi aberta a casa, Hector, um joven de bons costumes, foi tomado para auxiliar a loja, e a quadrilha, sabiamente orientada, entrou pelo terreno da acção a dentro, sem mais rebuços operando os maiores e mais vultosos roubos que se effectuaram naquelle periodo todo, em New York. A's vezes, não ha a negar, a policia desconfiava, dava as suas batidas, mas tal era a perfeição do plano que nunca conseguia descobrir nada.

Com uma cousa Echo não contava: o amor que invadiu os corações de Rosie e Hector. Moços, ambos, sem desconfiar elle de cousa alguma, amaram-se immediatamente e com intenso ardor. O escrupulo de Rosie é que retardava a marcha dos acontecimentos. Um dia, entretanto, Echo presenciou um idyl-

LON CHANEY	*Echo*
Harry Earles	*O Anão*
Ivan Linow	*Hercules*
Lila Lee	*Rosie*
Elliott Nugent	*Hector*
John Miljean	*Advogado da accusação*
Clarence Burton	*Regan*
Crawford Kent	*Advogado da defesa*

Director: — JACK CONWAY

Maldicta

lio de ambos. Furioso, ciumento e cheio dos mais terriveis pensamentos, ouviu elle as explicações daquella mulher que era todo seu amor.

— Amo a Hector, Echo! Não posso mais occultar a você este meu sentimento.

— Amas?...

— Amo!

Echo pensou alguns segundos. Depois, escondendo a revolta e o ciume que o roiam, respondeu com o seu sorriso mais malvado:

— Que não te traga aborrecimentos esse amor...

E, deixando perplexa e pensativa a Rosie, dirigiu-se para o interior da loja. Rosie bem que o conhecia. Aquellas palavras eram, sem duvida, a revelação do que ella suppunha que iria acontecer ao seu amado e, assim, já naquelle instante sentiu a alma tomada de uma intensa amargura.

Durante o roubo da noite seguinte, Hercules assassinou um homem que se lhe oppoz ao assalto Matou-o, violentamente, barbaramente, como quem mata um insecto.

Depois, rapidamente, poz-se a quadrilha em retirada. Ficaram signaes compromettedores, entretant,o e elles, deixados por Echo, pertenciam todos a Hector, o noivo e o amado de Rosie...

Não demoraram, na velha loja, o mais do que o necessario para baterem em retirada. A trindade, um gorilla enorme que era o carinho de Echo e a sua protecção contra as investidas traiçoeiras do Hercules e Rosie, fugiram para as montanhas. *Viagem de repouso*, diriam. Mas, na verdade, para fugir á responsabilidade daquelle crime.

Na manhã seguinte, quando a Cidade acordou, já leu o crime nos jornaes e já soube que Hector tinha sido o assassino e o assaltante daquella casa...

Um dia, lá no morro, Rosie chegou-se a Echo. Encontrou-o mal humorado, mal disposto, nervoso. — Echo, quero que salves a Hector. Bem sabes que não foi elle o ladrão e muito menos o assassino.

Echo olhou-a. Riu, sarcastica, ironicamente. Mas os argumentos de Rosie vieram. Ella lhe disse tudo. Que sempre o quiz como a um pae, que sempre o respeitou como a unica creatura, no mundo, que já a tratara com amisade. Que comprehendia que elle não acceitasse Hector, com medo que elle os trahisse, mas que ella se responsabilisava por elle.

Echo ouviu tudo. Comprehendeu, num relance, a verdade toda daquella situação. Rosie queria-o como pae. Nunca o acceitaria como marido! E se ella, que elle tanto adorava, soffria tão cruelmente a distancia que a separava de Hector e a ameaça que o condemnaria á morte e á eterna separação, portanto, por que haveria de elle continuar teimando e não fazendo o pouco que ella lhe pedia?...

Estes pensamentos invadiram aquelle cerebro em segundos. Depois, tomado de uma resolução, perguntou-lhe:

— Quando será elle julgado?

— Hoje á tarde, Echo. E' preciso que tomes uma resolução rapida, immediata!

Echo levantou-se. Naquelle instante já se dispunha para o sacrificio. Reconhecia, depois de annos de espera e confiança no seu amor por Rosie, que ella não seria delle nunca e, assim amando-a ainda e sempre com maior ardor, resolveu fazer o que ella lhe pedia. Seria a cadeia para elle, talvez, mas era a vida para ella e, só isto, valia tudo.

Quando Hercules e o anão souberam do que o chefe resolvera, quizeram reagir, impedir. Na luta, Echo quasi succumbe. Mas escapando a um dos poderosos golpes de

(Termina no fim do numero).

O que as Estrellas

Mary Nolan

O primeiro estrilo de Adão foi quando Eva quiz gastar as primeiras economias na compra de artisticas folhas de parreira... Hoje, todo Adão do mundo anda tonto com as carissimas folhas de parreira que as Evas continuam a comprar...

As Evas do Cinema, então, neste particular são uma cousa terrivel. Entre ellas, Constance Bennett é das mais exigentes. Não ha moda nova que ella não conheça e vestido novo que não estreie! E' uma cousa louca!

As mais elegantes do Cinema, aliás, são Lilyan Tashman, Marilyn Miller, Mary Nolan, Evelyn Brent e Grace Moore. As que melhor se vestem, mesmo. Vestidos novos, para estas creaturas, são uma especie de religião que ellas cultuam com veneração extrema. O culto do luxo é sagrado. Seda, setim, velludo, rendas, etc., são objectos que ellas adoram, veneram, mesmo... E, reconheçamos, com razão. As suas pessoas, vestidas como andam, são, por si, uma affirmação do dinheiro que lhes pagam os productores de films. Mas o caso é que a maioria desse dinheiro fica todo na modista preferida...

Os sapatos, igualmente, são, como os chapéos, a preoccupação magna das *estrellas*. Marilyn Miller, por exemplo, manda fazer seus sapatos especialmente para ella, porque, como todos sabem, é bailarina e, assim, não quer forçar seus pés em calçados já feitos. Manda fazer cousa especial para ella. E, assim, os desenhos tambem são seus e as modas suas, cada qual mais original e interessante, diga-se. Custam, no fim da brincadeira, 40 dollares cada par... Alguns, mesmo, mais cuidados e proprios para *soirées*, custaram-lhe até 75 dollares o par, o que, dado o numero que ella tem, somma uma verdadeira fortuna só em sapatos... O que é de gosto... Além disso, ella se veste com grande gosto e, mudando tres e quatro vezes por dia de roupas, conforme a hora do dia, troca ella mesma a quantidade de vezes de sapatos e, assim, é preciso que muitos hajam para que ella não fique descontente...

Setenta e cinco pares de sapatos é o total que enche o armario de Lylian Tashman. E, elles, todos, variam de 14 a 40 dollares o par. Disse-nos ella, naquelle dia, que só em sapatos, consumiam-se 2000 dollares do seu ordenado.

Mary Nolan, neste particular, é tambem cuidadosa. Só que seus calçados são extremamente simples e, todos elles, com talhes levados para o estylo grego, que mais aprecia. Sapatos rasos para *soirée* e de amarrar para o dia. De *sport* ella tem diversos pares.

Grace Moore, do Metropolitan Opera House, actualmente, artista da M. G. M., é, agora, uma das mais elegantes figuras de Hollywood. Seus sapatos, todos, variam de 20 a 25 dollares o par. O seu consumo annual é de 1.500 dollares.

Jeanette Mac Donald, vinda de New York e já senhora de Hollywood e de todo mundo que assistiu *Alvorada do Amor*, é outra grande cuidadosa dos seus vestidos, dos seus chapéos e dos seus sapatos. Apetrechos do seu vestiario são, mesmo, cousas sagradas para ella. 100 pares de sapatos, annualmente, é sua media.

Outras artistas que se especialisam em compras continuas de modas recentes e cousas finas, são: — Irene Rich, Clara Bow, Hedda Hopper, Joan Crawford, Colleen Moore, Norma Shearer, Evelyn Brent e Billie Dove.

Evelyn Brent tambem é "chic"...

Bebe Daniels é daquellas que desenham os modelos dos seus proprios vestidos e sapatos e não tolera, mesmo, que lhe digam que não é o modelo certo. Aliás muita gente boa já a tem imitado, diversas vezes...

Clara Bow, então, verdadeiramente maluca por chapéos differentes, consome 3000 dollares dos seus

Vestem...

vencimentos annuaes só para cobrir a cabeça...

Joan Crawford vae á perfeição de desenhar os seus modelos para os films e para a vida particular. Vestidos, chapéos, sapatos, chinelos, *manteaux*, pyjamas, etc., tudo é controlado directamente por ella e por ella desenhado.

Estelle Taylor prefere fazer compras em New York. Prefere os vestidos e é delles que cuida com maior carinho, apesar disso, no emtanto, tambem dedica bôa parte da sua attenção aos sapatos. Dizem que Jack Dempsey ainda prometteu uma surra ao sapateiro que andar inventando novos modelos e de 80 dollares o par...

Colleen Moore, tambem apaixonada por sapatos, consome 1625 dollares dos seus rendimentos nesse artigo. E haverá alguem que conteste que ella se calça bem?

Capas, para chuva, ou para passeio, *manteaux* pesados e para inverno, são, igualmente, motivo de serias cogitações entre os artistas.

Estelle Taylor, neste particular, é a mais caprichosa. Ella diz, mesmo,

Grace Moore sempre usa pulseiras...

Lilyan Tashman é das mais elegantes.

que uma noite de festa, em Hollywood, é mais um negocio do que uma diversão. E' preciso apresentar bem toda a indumentaria para que os compradores tenham bôa impressão... E quantos contractos não se fazem assim, só por causa da apparencia externa da artista?...

Mary Nolan tem diversas capas. Ellas variam, de 200 a 500 dollares cada uma.

Marilyn Miller usou, no casamento de Bebe Daniels, um vestido e o respectivo complemento, que lhe custaram 1000 dollares...

Os dois unicos legitimos *manteaux* de arminho finissimo que conhecemos, em Hollywood, pertencem a Lilyan Tashman e Mary Nolan. Custaram, mais ou menos, 30 mil dollares cada um e ellas os exhibem apenas em circumstancias que requerem este ultimo e terrivel golpe... Pobre Edmund Lowe...

Grace Moore sempre usa, nas grandes occasiões, uma pulseira de brilhantes e platina que lhe custou 25 mil dollares.

Evelyn Brent chega a gastar 4000 dollares annuaes em meias de seda. E, as que compra, são as mais finas e as mais caras que se conhecem. Aliás ella nos declarou, mostrando-nos documentos comprobatorios, que gastava, geralmente, 25 mil dollares para vestidos, chapéos e calçado, annualmente. As suas meias custam uma média de 10 a 15 dollares o par.

Hedda Hopper, por sua vez, tem algum segredo ou mysterio. Tida, justamente aliás, como das mulheres mais elegantes de HollyÃood, ella não vae além de 2.500 dollares annuaes com todo seu vestiario. Uma economia prodigiosa e um malabarismo que muitas gostariam conhecer...

Norma Shearer costuma gastar 30 mil dollares para se vestir durante um anno. Betty Compson, 20 mil. Será Irving Thalberg mais "liberal" do que James Cruze (posto que estejam divorciados!)?...

Haverá algum leitor capitalista que se queira casar com uma artista de Cinema?... Existem muitas que ainda estão solteiras e dispostas a comprar uma pulseira de 25 mil dollares... Querem?...

— O — O — O —

Emil Jannings, além de figurar no film da Warner, trabalhará na Paramount, fazendo, para esta fabrica, *Rasputin*, sobre a vida deste monge terrivel.

SANTINHO (Fartura) — Retribuo os seus desejos para 1931. Gostei das suas opiniões. O *cynico* de "Escrava Isaura", como disse, é Celso Montenegro. Está aqui na "Cinédia", agora, e figura em "Mulher"..., no primeiro papel masculino. Dei a sua idéa ao Sergio. Vamos ver se elle a reputa boa. O cartãozinho será entregue. Pois mande a photographia e quando quizer.

LUIZ ANDRADE (Rio) — Gonzaga entregou-me sua carta para responder. Seus retratos foram recebidos e archivados. Tenha paciencia e aguarde a sua opportunidade. Didi Viana, "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, S. Christovão, Rio. Tenha paciencia e aguarde o seu momento.

MOURÃO & ASFOR (Crathéus) — A artista cuja photographia pediram, deixou o Cinema. Os artistas americanos, alguns, pedem de 25 a 50 centavos por uma photographia commum. Mandem photographias, antes de mais nada e, depois, é só aguardar opportunidade. A gerencia nos entregou sua carta, porque estas respostas são de nossa alçada.

HELENA DE A. M. (Rio) — Charles Morton anda "free lancing", o que quer dizer: desempregado. Não temos o seu endereço certo. Quanto a photographia sua, assim que tenhamos alguma pose recente, publicaremos e teremos feito a satisfação do seu pedido. Não tenha receio de pedir cousa alguma, Helena. "O Preço de um Prazer", é um dos 6 films que a "Cinédia" tem em confecção. O mesmo lhe desejo e aqui fico á espera da sua "outra".

Um idyllio de hoje... John Boles e Evelyn Laye.

E um idyllio antigo... Joan Crawford e John Mack Brown.

Pergunte-me outra

ANTONIO MATTOS (Rio) — Ella deixou o Cinema. Suas opiniões são até bem razoaveis. Mande photographia sua.

LYRIO PARTIDO (Passa Quatro) — Comprehendi agora a cousa. O "Album" já está á venda. Volte quando quizer, Lyrio...

HULA (Therezopolis) — O mesmo para você, Hula. Bruscamente?... Como?... Pois eu até que tenho tanto cuidado em mimar sempre a minha Hulazinha, netinha querida do coração... O que foi *glacial* e *austero?* Tenho muito prazer que sempre me escreva e espero, mesmo, que o faça sempre. Eu quero muito bem a você, Hula, e pode contar com toda a sympathia das minhas respostas. Está contente?... Volte logo, sabe? E deixe dessa mania de bruscamente...

B. HONORATO (Pinheiro) — Sciente de tudo, amigo Honorato. Mas as cousas são mesmo assim: nozes para quem não tem dentes! A sua idéa não é má. Depende de você mesmo e das suas posses. Mas acho que se a elle falta toda a orientação que você tem, a victoria será sua, com certeza. Pois venha e procure-nos quando quizer. Até logo!

MR. BASQUETE (Florianopolis) — Você tem razão. Ella é estupenda! O negocio que fez não foi dos melhores... Comprou muito caro! 3$000 por uma photographia é exaggero. O que lhe digo, sobre ella, é que se divorciou do seu segundo marido, Peverell Marley, ha pouco tempo e está para se casar de novo. Não está em Cinema. O theatro tem sido sua ultima occupação.

H. MOURA (Parahyba do Sul) — Interessante o que você escreve. Continue!

D. A. DE LIMA (Porto Alegre) — Ainda não recebemos nada. Aliás deve endereçar esse assumpto á Gerencia e aguardar o accusamento de recepção por parte delles.

N. C. PEREIRA (Sete Lagôas) — O Sr. gerente entregou-me sua carta para responder. Envie nota directa a mim do que precisa, mais ou menos e que especie de trabalhos quer confeccionar. Depois, então, satisfarei seu pedido.

E. M. BENTES (Rio) — Muito grato e retribuo as felicidades que nos deseja.

E. FELIPPE (Rio) — Por emquanto não está no Cinema. Acha-se viajando em companhias theatraes pelos Estados Unidos.

B. BISTENE (Nictheroy) — Envie photographias para rua da Quitanda, 7, Rio.

O. BAPTISTA (S. Paulo) — Agradeço os recortes e admiro seu enthusiasmo. Escreva quando quizer.

E. C. ROCHA (Santos) — Você não havia de esperar, com certeza, que eu aqui transplantasse seu appellido, não é? *Cinearte* é revista de Cinema, amigo. Aqui suas respostas: 1.° rua da Quitanda, 7. 2.° Já fizeram diversos.

E. BOSELLI (Rio) — Agradeço e retribuo. Oh, filho, fazer film falado e cantado em todos os idiomas, aqui?... Caramba! (hespanhol) acha que é pouco o que nos tem vindo dos Estados Unidos e de outros Paizes?... Per Baccho! (italiano) Que idéa! Zum Teufel! (allemão) Continue tendo paciencia que você ainda conseguirá o que quer.

C. L. (Rio) — Apenas o assumpto. Mande quando quizer, para este mesmo endereço.

ARYTON (Rio) — Continue sempre enthusiasta e animado, amigo Aryton. Talvez venha. Não está produzindo mais nada, não, a menos que já tenha deixado o ramo de "cavação" a que se tinha dedicado ultimamente. Recebi e já dei o destino: archivo. Aguarde sua opportunidade.

JACK QUIMBY (Porto Alegre) — Recebemos e agradecemos. E, para você, os mesmos bons desejos que nos faz, Jack. Volte logo!

YÔCA (Rio) — Vá visitar quando quizer e leve esta revista como "passa-porte". Elles não têm telephone, "filha"...

Onde está Colleen Moore?

On the Loose, a peça que Colleen Moore está representando, em New York, foi estreada num theatro de Rochester. Nós fomos procurar Colleen Moore. Ella foi afastada do Cinema, assim que ella aprendeu a falar. Ella era, além disso, uma das figuras mais interessantes que ella já teve. Exquisita, differente, Colleen teve films felizes. *Amor, Destino e Honra* (So Big) e *Amor Nunca Moore* (Lilac Time), para não citar outros, foram successos seus que todo mundo admirou, que todos os "fans" apreciaram com os corações transbordando de felicidade. Entretanto, depois que começou a falar, Colleen, pobrezinha, foi um fracasso pavoroso. Seus "talkies" foram, na verdade, a peor cousa que em toda sua carreira ella fez. *Mademoiselle Fifi*, por exemplo, era terrivel e serviu, enormemente, para o declinio rapido da sua carreira no Cinema e, quando terminou seu ultimo film, pelo contracto, a fabrica não renovou e ninguem mais a quiz, tambem.

Victima, portanto, dessa tremenda injustiça, Colleen Moore, embora rica e não precisando representar mais, resolveu tentar algum tempo o palco de New York e, assim, estreou com essa peça, *On the Loose*. Fomos procural-a em seu camarim. Queriamos uma entrevista que della dissesse alguma cousa para os seus "fans" que ainda esperam o seu regresso á tela.

Pelas paredes do mesmo, instantaneos de Billie Dove, Bebe Daniels, Dorothy Mackaill, Lilyan Tashman, Edmundo Lowe, Charles Farrell, Lois Wilson e da sua maior amiga, Virginia Valli, todos elles tirados na sua casa na Praia de Malibú. Um diccionario francez-inglez, varias photographias e algumas photographias de Colleen ineditas, mesmo.

Depois de ensaio! Colleen entrou pelo camarim a dentro. Vendo-me, deu-me um camaradissimo *Hello!* e convidou-me a entrar. E' a mesma Colleen Moore dos bons tempos. Camarada, amiga, distincta e delicada. O camarim que occupava, explicou-me, havia pertencido a grandes nomes do palco americano: Julia Marlowe, E. H. Sothern, Mrs. Leslie Carter, Maud Adams, Joseph Jefferson, Margaret Anglin e Mrs. Fiske. Depois, entramos pela conversa a dentro.

— O que foi que você fez o anno passado, Colleen?

— Vivi, meu amigo. Antes de mais nada, tirei as férias que precisava e visitei tudo que queria. Nem pode imaginar o quanto me alegrei com os passeos que fiz e com as aventuras que vivi. Estive sete annos sob um contracto que me tolhia todos os passos e que não me deixou jamais pôr o nariz fóra de Hollywood. Quando não o tive mais a prender-me, sahi e conheci aquillo que ha tanto tempo almejava conhecer.

Depois de uma pequena pausa, continuou:

— Como você deve se recordar, eu já disse que tinha vontade de representar ao menos uma vez no palco, para conhecer essa nova emoção. Pois bem, quando deixei o Cinema, resolvi tentar e, embora não conseguisse o que se possa chamar de theatro formidavel e, tampouco, aquillo que se denomine peça intelgente, estou representando e, como sempre, aliás, feliz e contente da vida. Mas... E' forçoso que lhe diga que me sinto tremendamente cansada. Ha tres semanas que estamos ensaiando, duas vezes por dia e isto, diga-se, deixa qualquer pessoa completameente vencida. Além disso, o espectaculo, á noite, vae tarde, fóra a *matinée*. Virginia Valli é que me tem valido de muito, aqui. A noite passada, ainda, esteve aqui a noite toda commigo.

A peça que ella está representando, anteriormente denominada *Foan*, era alguma cousa feita para dar largas ás habilidades todas de Colleen. Os dois primeiros actos são de comedia ligeira com as habituaes piadas de Colleen e seus tregeitos que o publico dos Cinemas já viu, tantas vezes e sempre apreciou muito. O ultimo acto é extremamente dramatico.

Commentando o successo da peça, disse-me ella, occultando, intelligentemente, com ironia, a magua que lhe causava o terrivel insuccesso daquella representação que não levava grande publico ao theatro, unicamente pela fraqueza extrema da peça.

— Se alguem bate palma, amigo, eu logo me volto, assustada, paver quem foi o barulhento...

Depois, falando de New York, ella se mostrou enthusiastica.

— Gosto muito daqui. Sempre me dei muito bem com climas frio e New York, neste particular, é esplendida.

Feita uma pequenina pausa, entramos por outro assumpto a dentro.

Virginia Valli é minha maior amiga, sim. Quero-lhe um bem intenso e profundo. Laura La Plante, Bebe Daniels e Julane Johnston são as que se seguem. Dorothy Mackaill! Não se esqueça de a mencionar. Eu a estimo muitissimo, igualmente. Em Hollywood, quasi que sempre, nós eramos parceiras no *tennis* e na natação, igualmente.

Uma das cousas que Colleen tem com maior carinho, é uma collecção de bonecas lindissimas. E', mesmo, a mesma, uma das suas verdadeiras loucuras. Muitos já commentaram essa sua mania, mas ella, naturalmente, não a pode abandonar. Acha-a justa e não póde, mesmo, nem que queira, deixar de as querer bem.

— Falando de Cinema e theatro, disse ella.

— Gosto mais do Cinema, para ver e para representar. Apesar de já ter sido *estrella*, continuo sendo "fan"... Entretanto, tambem aprecio o theatro. *Uncle Vanya* foi a melhor cousa que vi em theatro o anno que se foi. Lillian Gish, no primeiro papel, esteve simplesmente phantastica. Creio, mesmo, que esteve tão bôa quanto nos seus maiores films.

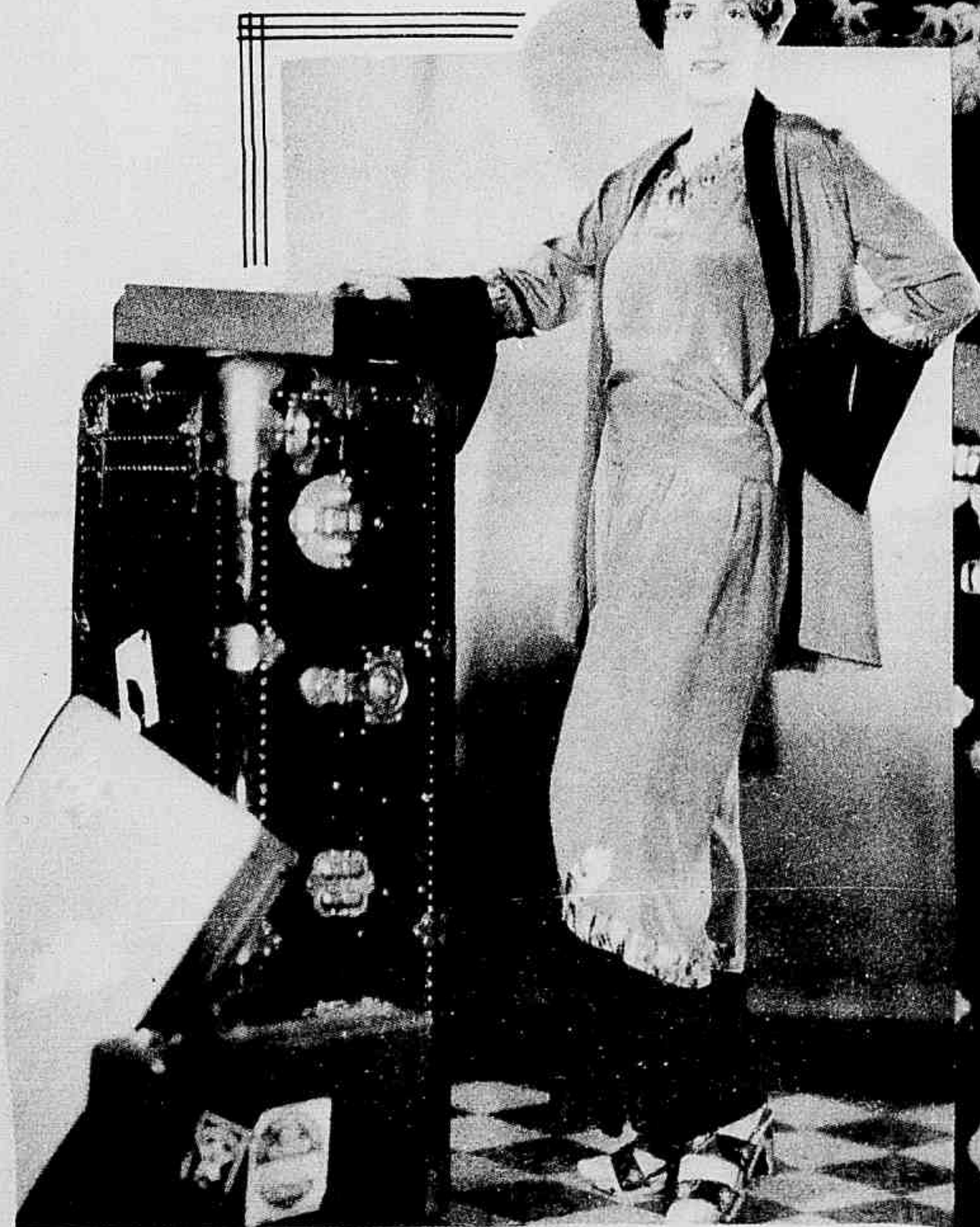
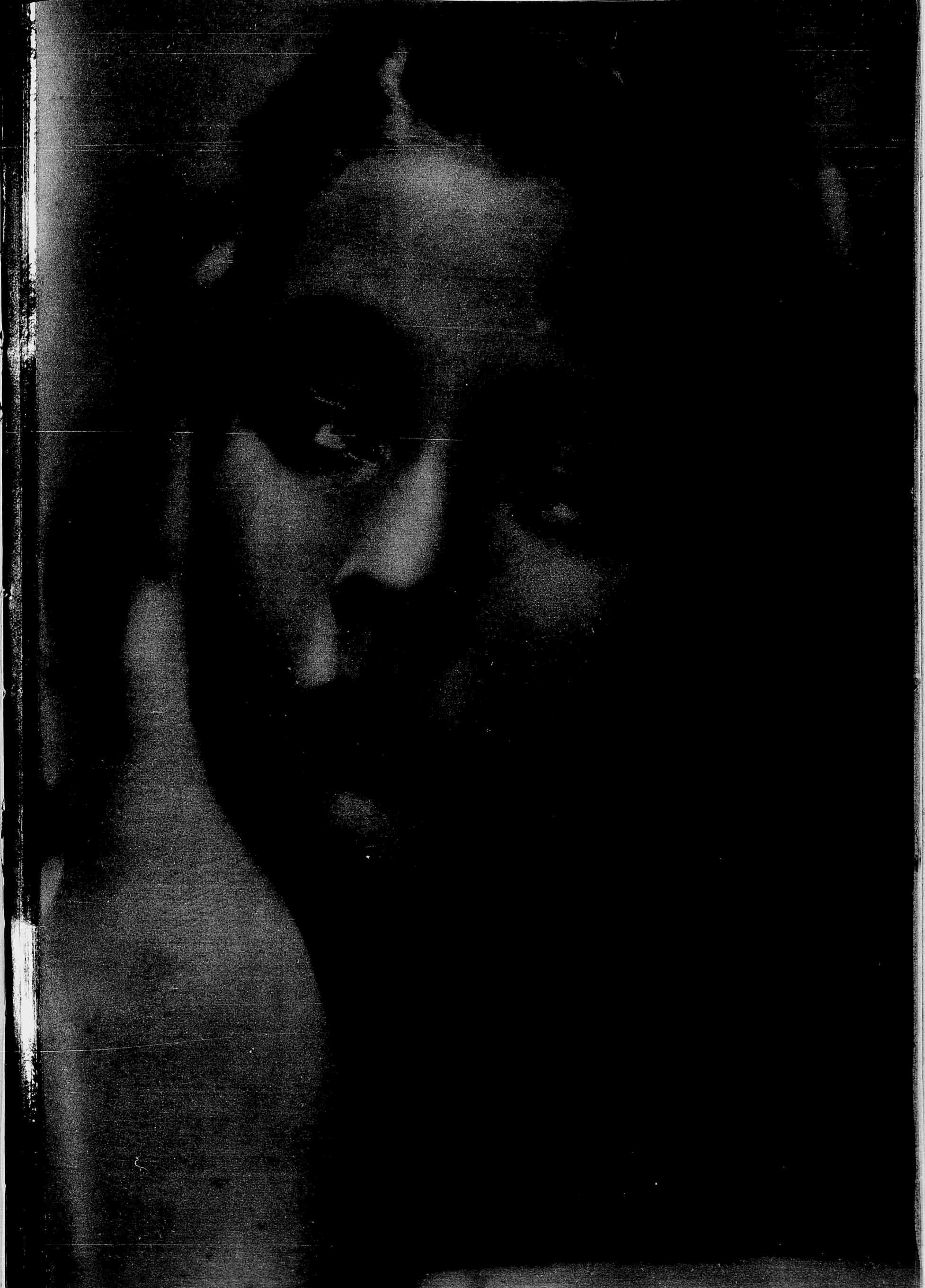
Continuou, em seguida.

— Depois que terminar o curso normal da minha peça, pretendo, della, fazer um film. Tem enormes possibilidades para o Cinema e eu as quero aproveitar. Dentro della, já tenho duas figuras de Cinema pensadas. Ha um pa-

(Termina no fim do numero).

Sue Carol...

ELLA
FOI
FAZER
COMPRAS
A NEW YORK...

ASSIM
EU GOSTO.
AQUELLAS
FOLHAGENS...

Lilian Harv
Willy Fritsc

Hespanhola, sim, mas os olhos são brasileiros...

Maria

CONTINUA "PERNICIOSA"..

QUERIA TE VER LÁ NO SALGUEIRO, FAZENDO BARULHO E BATENDO PANDEIRO...

-- Veja só, Horacio, até mesmo Clara Bow já podemos ter, um dia, aqui dentro de casa comnosco.

Cinema de Amadores

mentalismo profissional, ou o logar dos films para o publico.

"Certos inimigos muito delicados do Cinema imaginam ou procuram imaginar que ás recordações necessarias ao Cinema faltarão sempre essas imprecisões de que a felicidade parece ser feita. Eu proprio sei perfeitamente que muitos maridos têm sogras que não são para elles a verdadeira expressão da paz no lar, e que nunca lhes darão uma hora de felicidade. Mas a intimidade da vida não é feita dessas pequeninas questões. Ainda restam, apesar de tudo, minutos preciosos, entre os que temos vivido, e não sei de um homem que tenha contornado o promontorio dos sessenta annos sem um suspiro de saudades.

Exacto! dirão os leitores deste artigo. Sim, porque a exactidão agrada aos cerebros dos homens de hoje.

Antigamente, podiamos nos contentarmos com uma vaga impressão, dentro da qual nós gostavamos de encontrar a recordação de uma felicidade que nem sempre foi verdadeira.

Hoje exigimos **um documento.**

Eis por que o Cinema de Amadores será o meio de se gravar os documentos de amanhã, as precisões de futuro, e porque as gerações de amanhã gostarão de vêr nelle aquillo que nos falta hoje, ou em melhores palavras, as coisas da vida moderna.

A PHOTOGRAPHIA DO FUTURO

Sob esse titulo, encontrámos, no "Ciné-Journal" de 17 de Janeiro de 1914, uma noticia que por certo irá attrahir a attenção dos nossos amadores, pelos motivos que passamos a expor.

Como se verá, já naquelle tempo "avant-guerre" se discutia a possibilidade do Cinema de Amadores se desenvolver, tal como hoje se dá, nos lares do universo. E desenvolver-se com essa potencia incontestavel d'agora, vencendo todas as difficuldades e captivando todas as sympathias.

Foi o Sr. G. Dureau o director do "Ciné-Journal" quem escreveu o artigo que transcrevemos a seguir, para que os nossos leitores analysem o valor de suas idéas:

"Uma forte campanha parece hoje elevar-se contra o Cinema de Amadores.

"Tomando-se em consideração o interesse cada vez mais apreciado dos grandes espectaculos que nos offeresem os directores dos nossos cine-theatros, alguns defensores erroneos da nossa industria pretendem affirmar que **a tela do lar** sobrepujará e depois matará a tela dos profissionaes. Essa these não possue valor de especie alguma.

Os films theatraes que figuram nos nossos boulevards são de uma ordem muito especial; no sentido exacto da palavra, elles representam verdadeiras obras de arte dramatica, e não poderiam ser sobrepujados, de modo algum, por peças menos applaudidas, nas telas essencialmente parisienses, porque os nossos films são, antes de mais nada, para o nosso publico.

"Quanto ao Cinema em familia, este nada tem de commum com o dito genero.

"Elle não visa a representação de scenas geraes cujo valor possa provocar, no pensamento das multidões, uma sensação ou uma impressão pathetica ou comica. Elle é e será — cada vez mais — a photographia viva das scenas da vida de todos os dias que tratamos de fixar nos archivos dos nossos sentimentos. Nem todos têm a faculdade de representar um Hamlet, visto que o drama de Shakespeare põe em scena as torturas de um quasi louco, impellido pela fatalidade nos azares do mundo.

"Mas todos os homens têm amado, todos tiveram paes que foram queridos, e muitos delles têm creanças cuja ternura constitue sempre uma lembrança querida. Não ha creaturas, por mais infelizes que sejam, que um dia de felicidade não os faça apreciadoras da vida.

"A photographia animada, mil vezes mais preciosos que a outra, quando feita exclusivamente pela familia e para o lar, não poderia tomar o logar do senti-

"BABILON"

Para os que julgam que na nossa querida terra nada se faz em materia de Cinema de Amadores, vamos dar hoje uma noticia formidavel, que irá cumular de alegrias o espirito dos nossos enthusiastas, e, ao mesmo tempo, levantar o moral dos desanimados.

Essa noticia trata das experiencias, cumuladas de pleno exito, que um engenheiro brasileiro, formado pela Universidade de Boston, iniciou e terminou, no sentido de dotar as lanternas cinematographicas de projecção de um fóco productor de luz no seu mais alto grau de intensidade, porém ao mesmo tempo, inteiramente refractaria ao calor, evitando toda possibilidade de damno ou incendio sobre a pellicula.

O engenheiro a que nos referimos é o Sr. Archimimo Rebello, engenheiro mechanico e architecto naval pela Universidade de Boston, e que tambem pertenceu ao Highland Park College, de Des Moines, no Estado de Iowa, Estados Unidos.

Com o seu gosto pelas pesquisas scientificas no ramo da engenharia optica, o Sr. Rebello atirou-se á procura de um processo que permittisse a solução do eterno problema das projecções sem o perigo dos incendios, causados, como se sabe, exclusivamente pelo calor excessivo que as lanternas projectam sobre as pelliculas, conjuntamente com a luz.

Abandonando todos os processos antigos de construcção, o Sr. Archimimo Rebello idealizou e construiu uma lanterna refractaria ao calor, baseada em novos principios opticos, inteiramente avessos aos usados até hoje.

A lanterna refractaria do engenheiro Archimimo resolve o problema da ampliação dos films reduzidos, para os amadores; torna natural a projecção dos films de 9 mm. da Pathé-Baby, cousa até agora considerada impossivel até mesmo pelos proprios representantes, visto que as lentes refractarias augmentam, conforme assegurou o engenheiro, a projecção de qualquer typo de pellicula a qualquer tamanho e a qualquer distancia.

O Sr. Archimimo Rebello, que reside em Manáos, no Estado do Amazonas, pretende tirar carta patente do seu invento, o qual foi apresentado a uma assistencia de pessoas escolhidas e jornalistas, á rua Lima Bacury 27, no dia 4 de Dezembro de 1928, ás 8 horas da noite.

A's primeiras projecções realizadas com a lanterna refractaria do Sr. Archimimo, a qual foi por elle denominada **"Babilon"**, estiveram presentes o capitão Oliveira Góes, antigo ajudante de ordens do ex-presidente do Estado, que esteve representando o proprio ex-presidente, o ex-deputado Franklin Washington, o commandante Vidal Pessôa, o dr. Caetano Bernet, o Sr. Antonio Vasconcellos e varias outras pessoas interessadas na invenção.

Iniciada a projecção de films Pathé-Baby, esta deu magnificos resultados com a lanterna refractaria do engenheiro Archimimo, a qual produzia raios frios no mais alto grau de luminosidade.

No dia seguinte, 5 de Dezembro de 1928, o "Estado do Amazonas" publicava uma noticia a respeito do successo obtido, noticia que o proprio Sr. Archimimo teve a bondade de nos enviar, embora um pouco tardiamente, e cujos dados não podiamos nos furtar ao desejo de transcrever ahi acima, já que estamos no proposito de auxiliar a todos os amadores do Brasil, na medida do que nos fôr possivel.

Recebemos igualmente uma carta do Sr. Rebello, datada de 28 de Novembro do anno proximo findo, a qual tambem não podemos deixar de transcrever, para que os nossos amadores julguem dos bons propositos do Sr. Rebello:

"Meu caro Redactor: — Lendo sua illustrada revista "Cinearte", em um dos numeros deparei com a noticia sobre a ventoinha Planella, que muito interessou os amadores. Contando-me entre os pesquisadores da Cinematica, com prazer julgo haver alcançado algo de proveitoso sobre o assumpto em mira.

"Embora retardado, tenho a dizer que consegui um dispositivo especial, o qual, addiccionado ao apparelho Pathé-Baby, usa potente luz, de 10 a 15 ampères, o qual lhe permitte uma projecção de nitidez absoluta, com 4 ou 5 metros de largura, tão perfeita como o apparelho Universal, e sem damnificar titulos, letreiros ou partes immoveis, tornando-o assim optimo como cinema viajante e portatil.

"Friso aqui que o meu dispositivo nada tem de semelhante com ventoinha ou coisa parecida.

"O meu "Pathé-Baby", após a demonstração especial, fez uma serie de sessões publicas, com geral elogio dos que assistiram, razão por que pretendo lançar no mercado, de qualquer fórma, o meu dispositivo, o qual chamei de "Babilon".

"Como verá V. S., junto com a presente remetto um recorte do jornal que noticiou a experiencia do meu dispositivo, com grande concorrencia dos **habitués** dos Cinemas desta capital.

"Remetto o recorte não para me evidenciar, mas como simples prova do que acabo de dizer, pois sou muito modesto e esse jornal fez referencias que, segundo penso, eram dispensaveis por essa occasião.

"Si o meu pequeno invento merecer a attenção de V. S. peço-lhe referencia na sua conceituada revista, para sciencia dos interessados e para meu melhor controle no proximo futuro.

"Agradecido, etc."

Por certo que o invento de um brasileiro nos merece toda attenção. Os amadores ou interessados que quizerem dirigir-se ao engenheiro Archimimo poderão endereçar as suas cartas para esta redacção, que daqui ellas serão remettidas para o inventor, em Manáos.

CORRESPONDENCIA

Satiro Borba (Nova Friburgo) — Pois não! Com muito gosto até collocamos as nossas paginas á sua disposição. Era por essas collaborações que estavamos esperando; só nos faltava acceitar a primeira que nos viésse ás mãos. E é assim, por esse motivos, que abrimos a nossa pagina para os auxilios com que o amigo quizer contribuir para o desenvolvimento do nosso Cinema de Amadores, falando sobre a propria experiencia no assumpto.

May Mc Avoy voltará ao Cinema, com a Tiffany.

:-:

Midnight Special, da Chesterfield, terá Glenn Tryon no principal papel. Na Chesterfield, Glenn?... Coitado! Eu sabia que você cahia, mas tanto assim, confesso, não...

:-:

Desfontaines, um dos mais antigos artistas do Cinema francez, foi contractado pela casa "Films Osso".

:-:

Jacques Haik, acaba de comprar os direitos para filmagem do romance "Le Fils Impromptu", de Henri Falk, grande premio da Académie de Humour Français. Será mais um film falado.

:-:

"Le bal" de Iréne Nemirowsky, será totalmente falado.

Uma carta para CLARA BOW

São de Adele Whitely Fletcher as linhas que se seguem. Ella foi amiguinha de Clara Bow, ha annos. quando ella ainda principiava sua carreira. Foi das que, primeiro, quando fazia criticas de films para uma revista americana, apontou-a aos olhos do publico como uma pequena de grande merito no Cinema. Conhece-a profundamente, além disso e as palavras que se seguem são conselhos que dá a **estrellinha** maluca a que tanta gente quer bem.

Clarinha querida. E' lamentavel a pessoa ser arara. E, sinceramente, Clarinha, você está sendo terrivelmente atacada desse mal de difficil cura... E' por causa dessa doença que os jornaes têm enxovalhado seu nome. E' por causa desse mal que você já tem sido chamada algumas vezes á presença dos seus superiores e elles lhe têm dito: "decencia ou olho da rua, pequena!!!". Além disso, menina, você não pensa nunca no que diz. Fala o que sente e, assim, diz muita asneira e muita tolice. Compromette-se severamente e compromette, ainda, a fabrica que a tem sob contracto.

Ha dias. os jornaes noticiaram:

"CLARA BOW PAGA TRINTA MIL DOLLARS POR AMOR"

Segue-se a historia. Uma historia negra e immoral sobre um casal que planejou arrancar dinheiro seu e, assim, ludibriar a sua boa fé á custa do amor sincero que lhe offereceu o marido, socio e cumplice da esposa no assalto...

Houve mentira nisso, bem sei. Houve, tambem, o exaggerado phraseado dos jornaes sem escrupulo que só querem macular nomes e manchar honras. Mas menina, você, de facto, foi namorar aquelle homem casado. Foi, porque eu sei. E, afinal, onde estava sua cabecinha maluca? Onde? E se elle era assim. menina, para que é que você lhe foi dar attenção?...

Aliás, no caso dos trinta mil dollars. eu acho que foi um absurdo. porque, afinal, se um marido com tanta facilidade esquece uma esposa, elle, positivamente, não vale nem 100 dollars. quanto mais trinta mil...

Mas você não é arara, não. Eu bem sei disso... Você sabia, de antemão, que esse caso lhe iria trazer muitos aborrecimentos. Se você se sujeitou, premeditadamente, a tudo isso que aconteceu, menina, é porque você não foi leal para comsigo mesma. Você quiz, mesmo, brincar com fogo e, assim, foi culpa sua o que succedeu e ninguem merece ser invectivado por isso. Para mim, Clarinha, que bem a conheço. você não foi "trouxa", não. Você foi extraordinariamente atrevida e maluquinha, isso sim!

Todos que descrevem sua personalidade, narrando esses escandalos, dão você como uma menina maliciosa, sensual, sophismavel. Eu ao contrario, acho que você é o typo acabado da caipirinha recem-chegada do sertão. Caipirinha que não se sabe manter regularmente com a publicidade que se faz do seu nome, para sucesso dos films, aliás e, muito menos, com os sopros enganosos da fama. Você é assim. Ficou tonta com luz, dinheiro e fama. Começou a fazer asneiras...

Se sua mãe vivesse, Clarinha, e, ainda, se ella fosse sã, mentalmente, você não teria feito nem a terça parte das maluquices que já fez. Você, da vida, aprendeu, desde creança, as lições mais amargas. Mas de que lhe valeram? Para você continuar fazendo peores e colhendo outras tantas?... Falta de orientação, menina, porque se você tivesse uma nesguinha de senso commum você não agiria assim.

Clara Bow, você é sardenta, você é engraçada. No Cinema, você é um colosso. Mas não se esqueça, menina, tudo isso é para o publico. Você não pertence a si mesma. Você é do publico e este, gritando vivas, num instante, póde gritar morras, em outras

e, assim, é um só gesto e você regressará instantaneamente á escuridão de onde sahiu. Tome cuidado! Trate mais do seu procedimento, da sua alma, do que de si propria e das suas dietas.

Eu já vi, pequena, muitas phases da sua vida. Já a vi usando os brilhantes e os rubis mais caros que já olhei. Já a vi guardada de policias, abrindo alas, saltando de uma Isotta Fraschini para attingir a porta do Cinema, onde um dos seus films tinha uma apotheose **primeira**. Já a vi com as capas de arminho mais caras, com as pelles as mais raras. Já a vi, como agora a vejo, a mais adoravel e interessante das artistas de Cinema. Mas tambem me lembro dos seus dias do passado, cuja descripção é melhor não fazer para não contar cousas tristes a respeito da sua meninice, pequena...

Costumo me lembrar de você, frequentemente, na fórma pela qual a vi pela primeira vez. Você naquelle tempo não usava joias. Seu vestido era surradinho e seus sapatos visivelmente unicos e já ameaçando furos... Não sei porque, eu gostava muito mais de você naquelles tempos...

Você se lembra, tambem, quando você mesma trouxe ao **magazine** que eu fazia, naquella época, as suas photographias predilectas para o concurso de belleza?... Se não fosse essa sua attitude, Clara, eu acho que até hoje a nossa amiguinha Elinor Glyn não teria inventado o **IT** que a fez famosa e a você tambem...

As photographias com as quaes você concorreu, bem sei, eram cousas insignificantes.

(Termina no fim do numero)

Exames

George Bancrott gosta de perfumar a agua do banho...

A passagem de anno, com certeza, transformou muito artista, ameaça contractos que terminam, traz novidades em penca. Os artistas todos, no emtanto, bem que podem ter os seus exames... Não custa nada examinal-os: vamos?... Cousa rapida. Uma ou duas phrases... Vamos ver os que passam e os que são... reprovados...

———

— Nancy Carroll. Uma das mais versateis artistas do Cinema, quando começa a cantar, entretanto... torna-se completamente differente!...

— Janet Gaynor. Uma das pequenas mais applicadas e deliciosas do Cinema. O que estraga um pouco é o temperamento genioso que tem...

— Charles Rogers. Esplendido rapaz. Perde-se, coitadinho, já homem que é, com a sua eterna mania de se mostrar muito joven, muito infantil...

— Loretta Young. 100 % bonita e encantadora. Só que precisa aprender é um pouco mais de educação...

— Ruth Chatterton. Esplendida artista. Seus procedimentos fora da téla é que a compromettem gravemente...

— David Rollins. Bom menino. As suas *pôses* photographicas é que são mais de mocinha do que de mocinho...

— William Powell. O homem que mais suavidade tem, no Cinema. A sua affectação é que é razoavelmente *pau*, não é?...

— Frank Albertson. Rapazola alegre, communicativo. Tem o pessimo defeito de usar sapatos de duas cores mesmo com *smoking*...

— Conrad Nagel. A melhor voz dos *talkies*. Torna-se extremamente irritante com a sua pretenção de grande cultura e intellectualidade...

— Anita Page. Faz-se uma artista dia a dia, para os *fans* e para os chronistas. As suas piscadellas de innocencia, constantes, e os seus trejeitos de bêbê de arvore de Natal é que estragam um pouco...

— Constance Bennet. Pôse, encanto, brilho, elegancia. Tem uma cousa: o coração nunca governa seu cerebro pequenininho...

— Fredericc March. Um homem culto. Tem o defeito de só falar em gyria...

— Ann Harding. Intelligente e suave, ninguem nega. Fora da tela, entretanto, parece sempre uma mulher do povo indo para o mercado livre, ás quartas feiras...

— Richard Barthelmess. Uma das figuras mais interessantes da tela. Tem a mania de affectar irritantemnete um aborrecimento que não passa...

— Merna Kennedy. Uma das pequenas mais bonitas de Hollywood. Temperamental e indisciplinada, entretanto...

— Jack Oackie. Um comico dos mais interessantes. O que o estraga é a mania imbecil que tem de, fóra da téla, continuar querendo ser engraçado...

—Lillian Roth. Canta como poucas o fazem. A mania de brincar com os cabellos, em scena, é cousa que não ha de largar tão cedo...

— Neil Hamilton. Rapaz de grande disposição e possibilidades. Tudo que lhe acontece, entretanto, elle logo dramatiza num exaggero damnado...

— Dorothy Jordan. Mel em fitas. Tem um defeito: ri á tôa, coitadinha

— Douglas Fairbanks Jr. Talento feito homem. Só que precisa é cortar o cabello, não acham?..

— Robert Ames. Bom artista. A mania de recitar e representar, fora da téla é que o torna uma verdadeira calamidade... E em certos films, tambem...

— Marion Nixon. Tão engraçadinha! Erra quando começa a fingir que não liga a ninguem...

— Charles Bickford. O homem-homem que só se interessa pelas grandes realizações. O engraçado é que elle, com aquella cara, ainda tem pretenções...

— Marie Dressler. Figura digna do successo que alcança sempre. Tem

O coração de Constance Bennett não governa o seu cerebro...

a mania claudicante de falar das suas amisades *aristocraticas*...

— Glenn Tryon. Dos mais engraçados. Esquece os amigos, depressa, assim que não lhe podem mais servir...

— Bebe Daniels. Que tem legiões de *fans* de bom gosto, aliás. Estamos socegados, agora: casou-se e não annuncia mais 100 noivados por anno...

— Ramon Novarro. A figura mais romantica do Cinema. Imaginem: toma *cocktails* de caldo de tomates... Qual!

— Mary Brian. Boneca dos films e do coração da gente. A sua falta de nervos, de temperamentos, é que dão a impressão de que ella é uma refeição que só consta de *sopas*...

— Phillips Holmes. Engraçadinho, bom artista. Tem a mania de tingir os cabellos e frisal-os...

— Dorothy Mackaill. Candura e peccado: bôa artista! Muda muito de... amiguinhos...

— Grant Withers. Antigo artista de comedias de pastelão. Nos dramas continua á espera delles...

— George Bancroft. Nos films, rude e decidido, para tudo. Costuma perfumar a agua do banho com essencia de flores de laranjeira...

— Betty Compson. Artista das mais populares. Só que usa pestanas postiças...

— Sue Carol e Nick Stuart. Casalzinho agradavel, interessante. Nas festas que dão ou que frequentam, parece que não se conhecem mais.

— Olive Borden. As pernas mais bonitas do Cinema. Torna-se comica com o seu accento sulino, carregado...

— Robert Montgomery. Sahiu do theatro, mas assim mesmo, é bom. O diabo é que tem a mania de fazer os outros acreditarem que elle é intelligente...

— Sharon Lynn. Hollywood e todos nós gostamos della. O que estraga é a mania de dizer aos outros que é uma *grande dama*...

— Chester Morris. Bilheteria e bom artista, tambem. Só interessa-se pela sua mulher, seus filhos e seus parentes...

— Kay Francis. Mulher das que melhor se vestem em Hollywood e artista das que melhor representam. Está engordado muito...

— Jeanette Mac Donald. Voz de ouro. Tem a mania de ser temperamental e de difficultar os passos dos que com ella trabalham no Studio...

— Ronald Colman. O verdadeiro *gentleman* da tela. Fora da tela tem a conversa mais *páo* do mundo...

— William Haines e Polly Moran. Risos e gracinhas. Consta que as conversas intimas que têm são extremamente tristes...

— Clara Bow. A maior personalidade da téla. Falta-lhe senso commum e é muito amiga de escandalos escabrosos...

— Warner Baxter. Esplendido e agradavel. Só que tem uma mulher muito convencida...

— John Mack Brown. Conquistou o Cinema. A sua prosa mostra que não conquistou nem os primeiros degráos de uma escola secundaria...

Marion Nixon erra quando finge...

FINAES

— Joan Crawford. Fez-se artista de bailarina que era. Tem a mania de se sustentar com attitudes falsas, improprias, que a tornam mais ridicula do que outra cousa qualquer...

— Eddie Nuggentt. O menino mais informado da colonia. Pena é que de si proprio ainda não tenha sabido nada...

— Lilyan Tashman. Uma *senhora* distinctissima. Consta que costuma gastar muito dinheiro para divulgação photographica de sua pessoa...

— Stanley Smith. Bom menino, boa voz. Só cultiva amisade de gente que lhe possa *servir* para alguma cousa...

— Alice White. A melhor das amiguinhas. Agora deu para ser *distincta* e dá cada *gaffe*, pobrezinha...

— Marion Davies. A figura mais agradavel do Cinema. Seus films é que, teimosos, têm a mania de custar mais do que os lucros...

— Richard Arlen. Actualmente o mais popular dos artistas da Paramount. Tem a mania de distribuir aos amigos, jornaes e revistas, photographia de sua esposa e do seu lar...

— Lois Wilson. Ganhou, ha annos, um concurso de belleza. E não se esqueceu mais disso, coitadinha..

— Barry Norton. Muito bonitinho! Só que é visto nas peores companhias...

— Louise Fazenda. Boa cozinheira! Exaggera e estraga os seus melhores trabalhos...

— Al Jolson. Canta como poucos. Mas é mais fama do que realidade, mesmo...

— John Bennett. Successo que já passou. A vida é que a deixou na posição a mais critica e agora ri-se della...

— Greta Garbo. A maior figura da tela. Deixa de pose, pequena, larga de fita, tira a mascara!...

— Raymond Hackett. Admira demais os Barrymores. Costuma imital-os com resultados peores do que os proprios conseguem...

— William Bakewell. Engraçadinho! Finge-se muito juvenil, muito *bêbêzinho*...

— June Collyer. Encanto, formosura, distincção. Dizem que se cansa muito para manter a espinha sempre tesa e a expressão sempre aristocratica...

— Edmundo Lowe Bello artista. Depois que deixa o Studio ainda continua representando...

Joan é das attitudes falsas.

Clara Bow é amiga de escandalos...

— Norma Shearer. A que se veste melhor. E' um pouco estrabica e, por isso, ás vezes vê o mundo... ás avessas!...

— George O'Brien. Força, musculos, gymnastica, box, natação, remo, etc.. Costuma contar que é intellectual, ainda que ninguem seja obrigado a acreditar...

— Lupe Velez. Personalidade até dizer chega! Costuma escrever as virtudes na testa e disfarçar os defeitos com entrevistas ingenuas...

— John Barrymore. Posição definida. na arte e na vida. O publico é que não é obrigado a crer no lemma da familia: "Um Barrymore não erra nunca!"...

— Gloria Swanson. Immensamente popular! Costuma tratar todo mundo que lhe é inferior com extrema indelicadeza...

— Charles Farrell. Meninão que ás vezes representa. Seu pae é que tem a mania de sempre o acompanhar e lhe dar um antipathico caracter de innocentão de 25 annos...

— Lois Moran. Intelligente, bem educada. Costuma palitar os dentes depois das refeições...

— John Gilbert. Maior do silencio, menor das falas. Tornou-se ridiculo com a mania de recusar entrevistas...

— Fay Wray. Muito bonita! Coração gelado e alma fria: Siberia feito gente...

—oOo—

Prompto! Já estão examinados. Quaes os que foram approvados?...

— O — O — O —

Nicholas Risky está fazendo films falados em Londres, para a British International.

The Dancers, que George O'Brien, Madge Bellamy e Alma Rubens já viveram, ha annos, foi refilmado, pela mesma Fox, com Lois Moran, Walter Byron, Phillips Holmes, Mae Clarke e Mrs. Patrick Campbell nos principaes papeis. Chandler Sprague dirigiu.

:-:

Eleonor Boardman assignou um novo longo contracto com a M. G. M., e já está incluida no elenco de *The Great Meadow*, como estrella. John Mack Brown será o galã e a direcção é de Charles J. Brabin. Gabin Gordon e William Bakewell apparecem no elenco.

:-:

The Haddocks, da Paramount, terá Leon Errol no principal papel e Norman Taurog na direcção.

:-:

Grace Cunard, figura de successo e de renome, ha annos passados, na Universal, quando appareceu em films seriados como *A Moeda Quebrada, A Mascara Vermelha* e outros, foi contractada para um papel de film *Resurreição*, que Edwin Carewe está fazendo, para a Universal, com John Boles e Lupe Velez nos primeiros papeis.

:-:

Josephine Velez, irmã de Lupe, apparece em ambas as versões, ingleza e hespanhola, do film *Dracula*, que a Universal está fazendo, dirigida por Tod Browning e George Melford, respectivamente.

:-:

Charlie Chan Carries On, da Fox, que terá Edward G. Robinson no principal papel e Fifi Dorsay num outro, será dirigido por Hamilton Mc Fadden.

OI!

OI!

NÓS

"SEMO"

MESMO

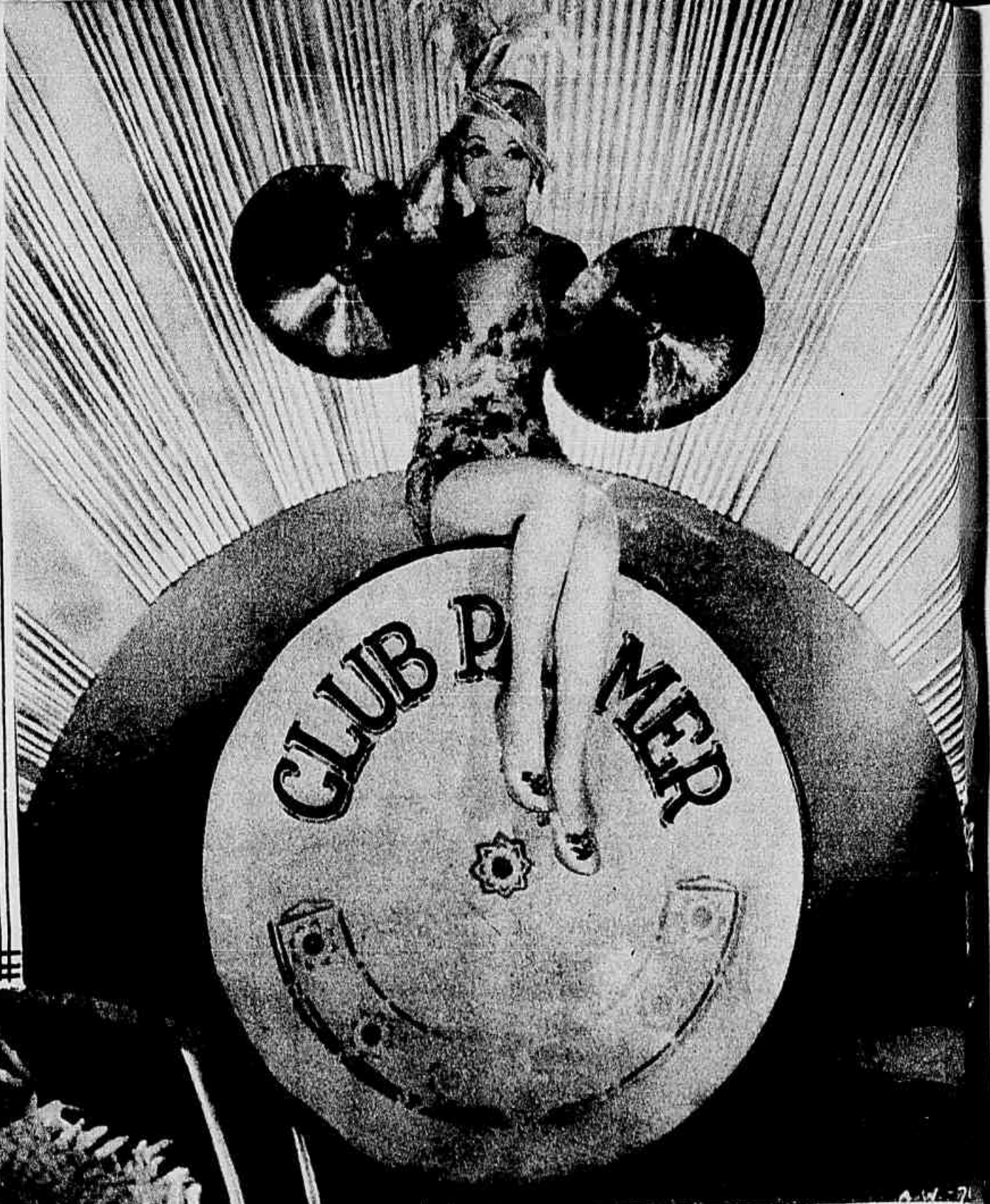
E' DO

AMOR!

ALICE,
CAMPONEZA?
ORA
ESSA!

Alice White

SIM, "PIRATINHA" DO
JAZZ...

Um pouco de Evelyn Brent

Artista. Sim, ella é artista. Assim, ao menos; conhece-a o publico. Hombros erguidos com arrogancia, passos marcados, firmes, intelligentes, e, nos olhos, uma profunda malicia dentro de uma apparente indifferença. Evelyn Brent...

Evelyn Brent, sim, de pelle morena, olhos cinzentos, cabellos negros, alma enigmatica e sorriso melancholico... Na verdade, Evealyn é, mesmo, a creatura mais melancholica de Hollywood. Ella me contou que seu pae era assim, sua mãe assim, tambem. E' herança. Mas nas suas attitudes, na sua vida, nos seus actos, Evelyn não é só melancholica. E', ás vezes, mysteriosa tambem...

Em New York, ha annos, quando o Cinema ainda dava os primeiros passos, ella resolveu ser artista de Cinema. Talvez não soubesse dizer porque. Mas queria! E queria, porque sentia que precisava representar. Viver, para a phantasia, papeis verdadeiros que sua alma ha muito vestia... E foi assim que o Cinema foi o preferido por ella. Era silencioso, tinha a magica seducção do silencio. Ella nem precisava falar para representar... Mas a sua carreira não foi facil. Ao contrario: difficil, espinhosa e cheia de problemas quasi insoluveis...

Nos seus olhos, hoje, ella conduz, calma, o éco de todas essas lutas, todos esses soffrimentos. Evelyn Brent é profundamente triste. Evelyn Brent é profundamente exquisita.

Do mundo, pelas poucas palavras que ella me disse. Porque geralmente fala pouco. Guarda, sem rancor, severas bofetadas que elle lhe deu... Seus desapontamentos, e desanimos para outros, foram, para ella, estimulos revigoradores. Sempre lutou! Jamais pensou num só instante de recuo. Avançou! E assim é que fazem os bravos, os fortes, os de corações bem formados... Os tapas que a sorte lhe deu, foram dadivas preciosas para sua experiencia. Agora é ella que aggride o mundo, a vida, a sorte, com seus successos e com suas victorias...

A luta, quando lhe é apresentada, é encarada logo de frente. Ella não pensa na aggressão gratuita, traiçoeira, não. Ella pensa na maneira de atacar frente á frente, peito a peito. Encara os problemas serios com um daquelles seus sorrisos remoidos num canto dos seus labios lindissimos... Palavra, por palavra, phrase por phrase, ella escuta a ordem de combate. Depois, sem maior temor, entra firme pela vida a dentro e, della, depois de algum tempo, traz o fructo de mais uma victoria conquistada a custa de muito ardor, muito sacrificio.

Chamam-na, acham-na temperamental. Temperamental?... Sim, temperamental... Como uma criancinha, talvez. Gosta de fazer o que quer, não tolera suggestões. Céga aos conselhos alheios, ella sempre dá ouvidos ao que lhe dita a consciencia. Mas é um temperamento como realmente ella devia ter. Nada de violencias. Apenas a vontade firme. Não cede! E, isto ella apprendeu, com certeza, nas tremendas contendas que sustentou contra seu proprio azar...

Evelyn Brent faz bem de ser temperamental! Deve continuar sendo.

Acham-na convencida, outros. Convencida? Sim convencida. Mas convencida com razão. Ella fez, pela sua carreira, pela sua vida, o que muitos, menos corajosos, não fizeram, não conseguiram fazer. Acham, então, que ella não merece o convencimento que tem? Mas o seu convencimento é mais apparente do que real. Na verdade, convivendo algum tempo com ella, nada mais descobri do que elevadas qualidades moraes e não o convencimento tolo e absurdo que só pode invadir, mesmo uma alma mal formada.

Evelyn Brent mais gosta de ouvir do que de falar. Outras vezes, quando se fala com ella, a impressão que se tem é que ella não está ligando. Está longe, muito longe. Porque? Orgulho? Presumpção?... Não. Sensibilidade. Ella sente as palavras e não ouve. Aliás, neste particular, ella é como o negativo exposto á luz: apanha tudo, os menores detalhes... E, ás vezes, nem olhando a pessoa está...

O que a faz parecer mal, ás vezes, é o seu instincto de defeza propria. Fecha-se, sempre que pode, dentro do seu "eu" e, de lá, ninguem a tira.

Nas suas attitudes, nos seus habitos, ella ás vezes é um pouco extravagante, egoista, outras... No emtanto, ninguem mais generosa do que ella, ninguem mais desprendida de si mesma... No principio de sua carreira, o seu ordenado ia mais para empregados seus do que para ella, mesmo. Nunca economizou. E ainda continua não economisando...

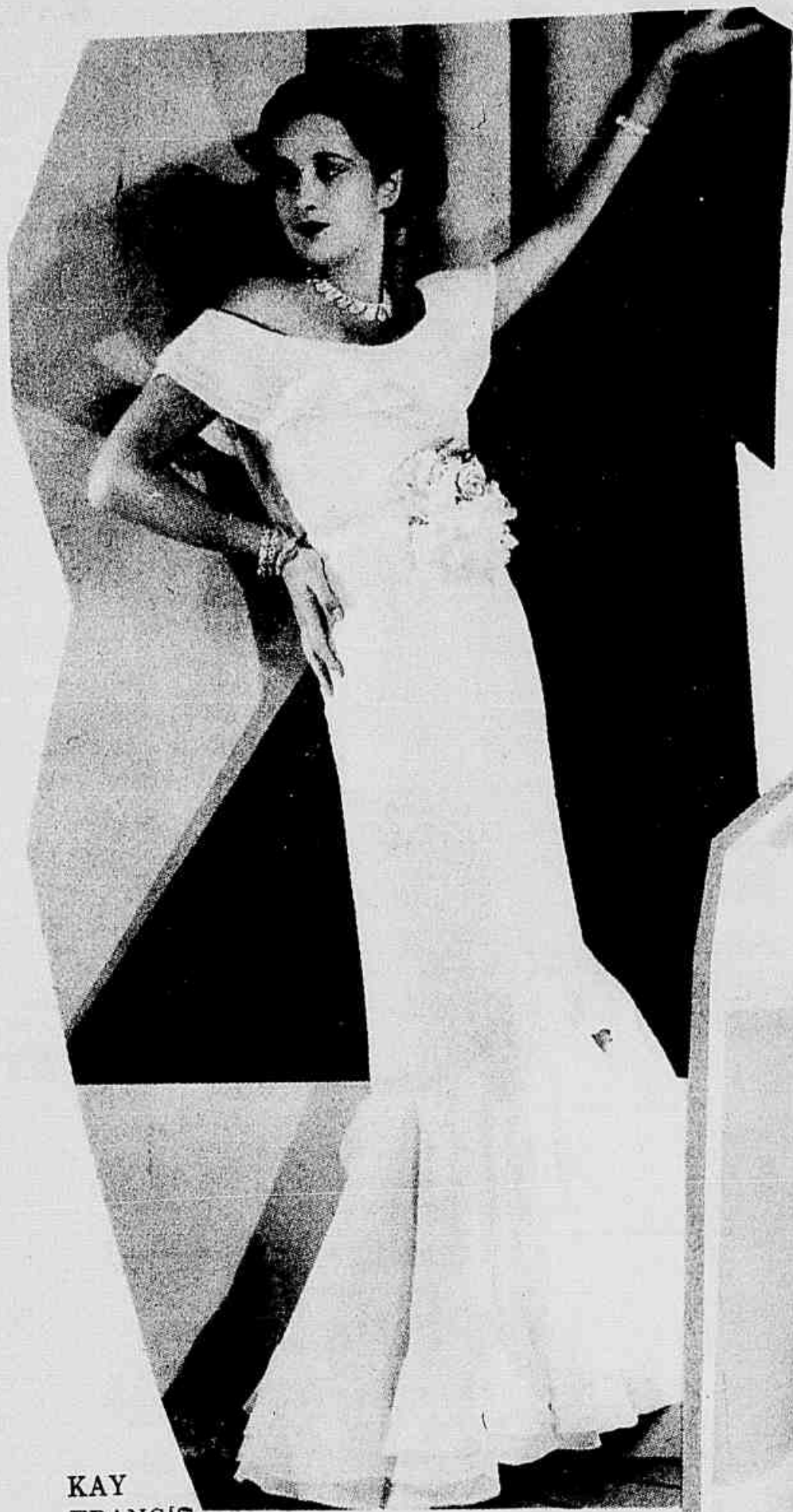
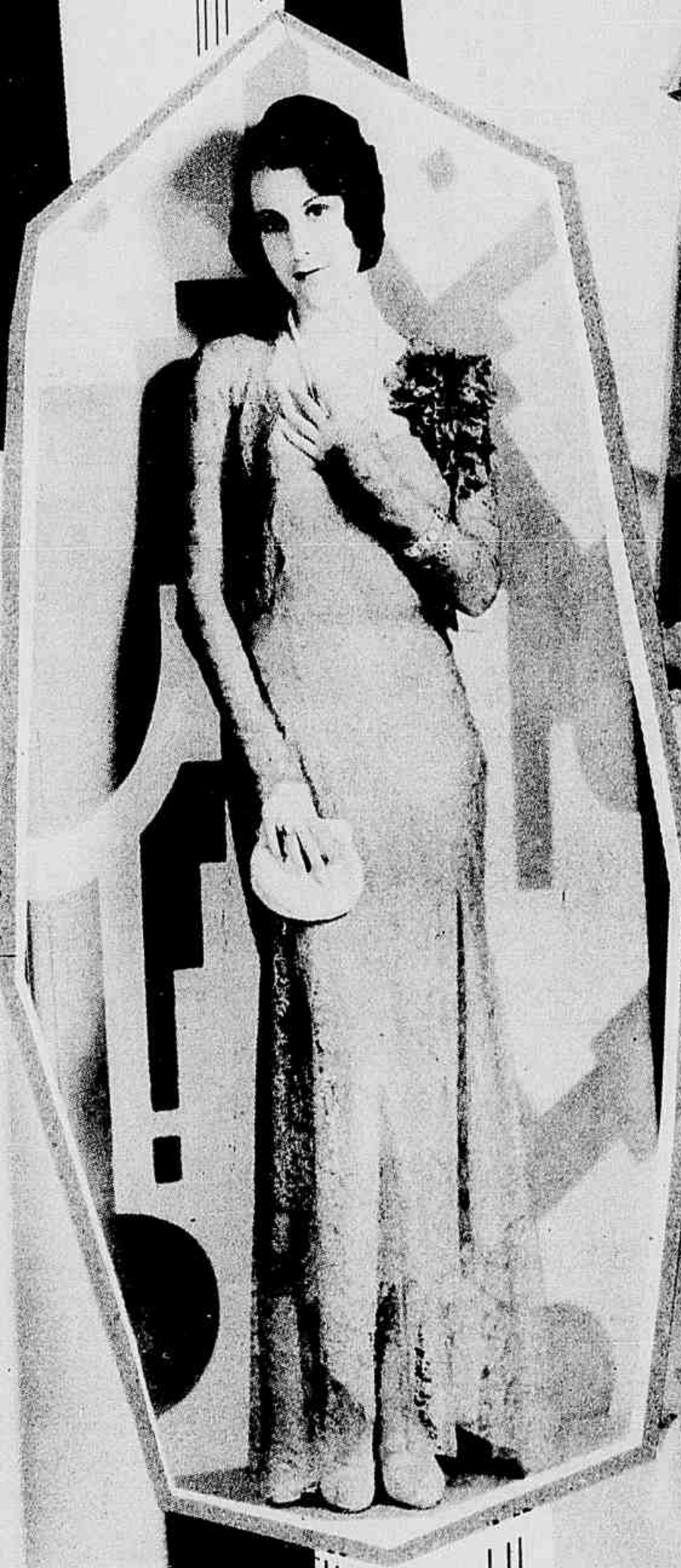
O seu trabalho ella sempre encara a serio. Lê o seu papel com carinho, estuda-o com vontade. Analysa o caracter que vae viver. Constróe, dentro de si mesma, a personagem que vae sentir diante da "camera". Mentalmente, mesmo, chega a se torturar para attingir a perfeição. E, quando chega, depois, o momento de filmar, ella se esquece das horas de descanço. Trabalha, trabalha com impeto, com vontade, com grande ardor. Os seus papeis, ella sempre diz, são os seus melhores amigos. E quanto um delles, então, é-lhe extremamente agradavel, como o de "Paixão e Sangue" (Underworld) ou "Cartas na Meza" (Showdown) e "The Madonna of the Streets", ella o procura sentir com dupla vida, duplo ardor!

Evelyn Brent é medrosa, ás vezes.. Tem medo da vida... Talvez seja a sua falta de fé na sinceridade dos homens... Sensibilissima, ella presente cousas que os outros não percebem. E, por isso, evita o mais que pode uma situação que lhe seja desagradavel.

Em Evelyn Brent, posso garantir, ha muita humildade. A mesma humildade que fazia a grande Schumann Heinck tremer todas as vezes que se ia apresentar ao publico para cantar magistralmente, sempre. Quando começa a "camera" a girar, ella se sente nervosa, tremula, perturbada. Em todos seus films e, diga-se, já tem feito uma bem grande somma delles.

Quando vêm as criticas e as mesmas lhe são favoraveis, Evelyn exulta. Torna-se infantil, ás vezes. Mas quando lhe são adversas, é como se fossem punhaes que lhe atirassem á alma. Mais seria, mais triste, mais derrotada ainda se mostra aos olhos dos que a estimam e a querem bem.

O casamento, para ella, sempre foi de grande utilidade e seu marido, diz ella, é um homem que a comprehende enormemente. Mas os livros são seus melhores companheiros e as melodias que ella prefere e gosta de ouvir sózinha, na sua electrola, são as cousas que mais lhe tocam a alma que sonha.

E' magnifica, extraordinaria a Evelyn Brent que eu conheço. O publico a conhece sob outro prisma. Mas na téla, embora, sempre ha no seu sorriso, no perfume do seu olhar e na suavidade dos seus gestos, alguma cousa da Evelyn que eu conheço e tanto admiro...

KAY FRANCIS

EDWINA BOOTH.

DOROTHY JORDAN.

FRANCES DEE.

BESSIE LOVE.

CAROL LOMBARD REVOLTOU-SE...

A tela em revista

PALACE-THEATRE

COUSAS DE ESTUDANTES — (Good News) — Film M. G. M. — Producção de 1930.

Film bom e despretencioso. Isto é: bomzinho, acceitavel... Tem algum romance, varias situações engraçadas e, tudo isso, misturado com muita mocidade, apesar de Bessie Love estar no elenco...

A scena do jogo de dados é gosadissima. Os apanhados, todos, esplendidos. Bessie Love, esquecendo-se do rheumatismo, espalha-se *a la* Marjorie White e pinta os canécos. Ukelele Ike tem pouca opportunidade. Stanley Smith é um galãzinho soffrivel e Lola Lane, sempre bonita, uma pequena interessante.

O que talvez tenha feito o film não ser mais do que *bomzinho,* foi a direcção de dois: Nick Grinde e Edgar J. Mc Gregor. Nunca deu certo esse systema. O argumento é de Lawrence Schwab, Lew Brown, Frank Mandel, B. G. De Sylva e Ray Henderson. Adaptação de Frances Marion. Podem ver que é assistivel.

Cotação: — 5 pontos.

:-: O Cinema silencioso continua a demonstrar como era bom. Passou em *reprise* o "Principe estudante", film de Lubitsch.

MOBY DICK — (Moby Dick) — Film Warner Bros. — Producção 1930 — (Prog. First National).

Talvez não seja opportuno lembrar que este film é a versão falada de *A Fera do Mar* que o proprio Barrymore fez, ha annos, em forma, silenciosa, com Dolores Costello como sua pequena, George O'Hara como seu irmão e Millard Webb dirigindo.

Mas é opportuno dizer, com certeza, que esta versão é muitas e muitas vezes inferior á silenciosa. Naquella havia mais romance, mais belleza, mais emoção, mais Cinema, em summa. Esta, é... falada. Barrymore, o grande John, perfil impeccavel e artista da familia que não erra, é o Ahab, de novo. Está muito mais exaggerado do que no primeiro film e muito mais theatral. Não convence e não agrada. A sua *mascara* (sob o aspecto theatral), é, realmente, assustadora. Mas isto é lá com a tia Amelia e com o Cazuza, elles é que são os nervosos da familia...

Joan Bennett, sem gracinha como só ella sabe ser, é a heroina. Dolores era outra cousa! Mas ella não contente com ser a heroina de Barrymore, em alguns films, ainda quiz se casar com elle... Pobrezinha!

Lloyd Hughes é o irmão. Foi um caracter, este, que soffreu mudanças sensiveis. Não é mais antipathico, totalmente e nem sympathico. Inexpressivo e forçado, isto sim.

A direcção de Lloyd Bacon é fraca. Salva-o, apenas, um ou outro episodio. O scenario de J. Grubb Alexander não foi tão feliz quanto o de Bess Meredyth e nem a photographia de Robert Kurrle comparada á de Byron Haskins. Os episodios da baleia não convencem.

Sei que incorremos no peccado de heresia dizendo que o impeccavel John Barrymore não agradou. Mas, o que fazer? .. Não é melhor confessar do que estar guardando segredos dessa ordem?...

Nigel De Brullier, Noble Johnson, Tom O'Brien, Walter Long, Jack Curtis e Will Walling fazem caretas e assustam muita gente.

Cotação: — 6 pontos.

ODEON

ALMAS DAS RUAS — (The Informer) — Film da British International — Producção de 1930 — (Programma Serrador).

Um film inglez que pode ser visto. Existem, na historia, varios senões. Quanto á direcção e interpretação, entretanto, tudo corre mais ou menos certo.

Lya de Putti, no primeiro papel, tem um desempenho commum. Está deslocada, entretanto. Lars Hanson é o mesmo bom artista que já tanto admirámos, na M. G. M., dirigido por Victor Seastrom. Carl Harbor é um dos melhores do film. Warwick Ward, na forma de costume.

Ha muita e boa movimentação de *camera.* A direcção é de Arthur Robinson.

Cotação: — 5 pontos.

Lyrico

LISBOA — Film portuguez.

Diga-se, no emtanto, para film feito em Portugal, é bom. E' documentario e feito sobre as bases de *Berlim, a Symphonia da Metropole,* de Walter Ruttman. Apresenta Lisbôa, nos seus aspectos caracteristicos. Tem trechos engraçados, como aquelle do bonde, com Vasco Sant'Anna e o Costinha. Outros, em compensação, como o do Chaby Pinheiro com o inglez e Beatriz Costa, que não são muito recommendaveis pelo espirito que têm, cousas que não se apresentam num film.

Os aspectos caracteristicos, são realmente interessantes para os outros povos apreciarem e, sem duvida, para os portuguezes aqui residentes, recordações. Os aspectos modernos, apresentam cousas da Lisboa adiantada. Mas o film é demasiadamente longo e, por isso, torna-se enfadonho e aborrecido. Fosse mais curto e tivesse algumas scenas desnecessarias cortadas, como aquella de Nascimento Fernandes e a outra, a seguir, entre elle e Esther Leão, e o film seria bem melhor.

O director, Leitão de Barros, tem certo merito e, estudando mais Cinema e fugindo dessa technica européa de apresentações de idéas, só com duplas impressões e mais duplas impressões e prismas, etc., melhorará e poderá apresentar cousa razoavel, mesmo. Ha bom Cinema em alguns trechos do film, mas os trechos longos e cacetes supplantam o interesse relativo de certas sequencias.

Este film não tem cotação, porque é natural, não tem assumpto dramatico. E' o primeiro film portuguez que vemos com trechos de boa linguagem cinematographica. A photographia é de A. Costa de Macedo.

PHENIX

AMORES DEGENERADOS — (About Trial Marriage).

Mais um do programma pornographico do Phenix. Isto é. O film é commum e esconde uma lição aproveitavel sobre amor livre. Corliss Palmer é a protagonista. Jack Richardson e Ruth Robinson têm dois papeis importantes. As intercalações, entretanto, principalmente ás daquella scena que é dada como sendo do *cabaret* de Ruth Robinson, são de uma obscenidade revoltante e sem principio algum de decencia. Aquillo devia positivamente ser prohibido pela censura.

E' *reprise.* Já foi exhibido aqui mesmo no Rio, mas sem as intercalações, no Iris, em Abril do anno passado sob o titulo de "Mocidade desenfreada".

PARISIENSE

O HEROISMO DE RIN TIN TIN — (The Land of Silver Fox) — Film da Warner Bros. — Producção de 1930 — (Programma Matarazzo).

CLAREANDO..

Recordar é jogar *box* com a saudade. Hoje deu-nos essa mania propria de Brasileiros... Estamos com saudade. De que?... Ora... Daquelles bons tempinhos de outróra quando, nas nossas télas, viamos os bons programmas que eram falados por toda a gente e cantados até pelos poetas por causa do seu romance, por causa da sua poesia... Os proprios complementos, ou sejam, as *sobremesas,* eram formidaveis. Se hoje temos, no Cinema falado, desenhos synchronisados, tinhamos, ha annos, Mutt & Jeff, gato Felix e o proprio coelho Oswaldo e o ratinho Mickey. Se hoje temos Oliver Hardy e Stan Laurel, tinhamos, antigamente, os mesmos, em comedias melhores ainda, e, além dellas, piadas esplendidas que Mack Sennett cozinhava sabiamente ou que Christie sabia apresentar. A Fox, mesmo, teve a sua Sunshine de saudosa memoria. E quando o programma era bom, a *sobremesa* predispunha o espirito para assistil-o. A's vezes, ao contrario, o programma era fraco. Mas havia a *sobremesa* que era forte e a situação balançava-se regularmente...

E hoje?...

Ah! hoje?... Sim. Temos os *shorts* de Gigli, de Martinelli, de De Luca... Temos os outros, Vitaphone tambem, coloridos, com bailados athleticos que já vimos desde crianças em circos de cavallinho. Temos cantoras russas, japonezas, chinezas de mais de 100 kilos e, além disso tudo, as melodias populares *yankees,* com bolinhas a saltar sobre os versos das mesmas... Mas não fica nisso, não! Ainda tem mais... Temos, de quando em quando, os numeros de George Spitz e Harold Osborn, ou os de Mickey Mc Guire e sua *gang.* Se não bastarem, Helen Broderick e Lestes Crawford farão as delicias do publico ou Jerry Winkler acordará, no agudo final, a platéa adormecida... (Estes que citamos, cavalheiros celebres dos palcos americanos, são exhibidos aqui entre nós de quando em quando, para *auxiliar* os grande films.. Conhecem-n'os?... Nós não os conhecemos, confessamos entristecidos...)

Os que entendem de musica, rindo-se dos que não entendem, acham que o Cinema falado é a maior de todas as invenções: Tamaki Miura, em pessoa, dá audição no Cinema Imperio. Gigli canta para os que não entendem e para os que entendem. De Luca faz gosar os que não entendem, com o seu *Largo al Factotum* e põe de queixo nos dedos abertos aquelles que conhecem de cór as melodias de Rossini...

Para os que gostam de musica de *jazz,* diariamente temos novissimos sapateados que já vemos desde que existe o Cinema e bailados que os entendidos dizem que são *bem marcados,* mas que os leigos acham *bem cacetes.*

E para os que gostam de *bólas* repetimos, nada como as melodias populares *yankees* que alguns *shorts* Paramount transplantam fielmente...

Isto tudo, fóra os jornaes sonóros, com as maiores maçadas ao lado de um ou dois bons detalhes e, ainda, o que ás vezes tambem acontece, uma comedia toda falada em hespanhol, da Fox, como aquelle *Casamento Encrencado* de triste recordação, que tinha aquelle *detective* que era, mesmo, o symbolo completo da actual situação em que se acha o Cinema... Que saudades daquellas comedias de Louise Fazenda... e mesmo das de Billy West e Larry Semon...

Um bom film de Rin Tin Tin. Interpretação agradavel de Leila Hyams e Jean Miljean e uma direcção interessante.

A luta de Rin Tin Tin co mos lobos, e a outra com o homem, estão bem feitas. Apesar da fita passar-se no inverno e com neve por todos os lados, no Parisiense sentia-se um calor terrivel e notava-se uma inveja á Rin Tin Tin em cada olhar...

Cotação: — 5 pontos.

O MYSTERIO DAS SETE CHAVES — (Seven Keys to Balpate) — Film da R. K. O. — Producção de 1930 — (Programma Matarazzo)..

Filmzinho de Richard Dix, sem importancia, sem novidade, mas assistivel por causa da sua sympathia que não acaba e um pouco, tambem, para rever Margaret Livingston.

O assumpto é conhecido e Douglas Mac Lean, com Edith Roberts como heroina, já o fez ha tempos. Não é nada demais e tem, mesmo, scenas cacetes. O mysterio todo, já se sabe, é fructo de imaginação. Como film mysterioso é fraco. Como film de Richard Dix é acceitavel. Diverte, em alguns pontos e passa o tempo com dois ou tres bocejos, apenas.

Mirjam Seegar é o pequena. Crawford Kent tem o mesmo ppael que teve no film de Mac Lean e Lucien Littlefield apparece. De Witt Jennings, Alan Roscoe, Harvey Clarke e Edith Yorke, igualmente.

Argumento de Earl Diggers. Scenario de Jane Murfin. Para os *fans* de Richard Dix.

Direcção commum de Reginald Barker.

Cotação: — 5 pontos.

:-: Passou em *reprise* o film natural "Nos Sertões do Amazonas". E assim vae o Parisiense se defendendo da "boycottage"..

MEU PRIMEIRO AMOR — (Producção de Ruy Galvão, 1930) (Programma E. D. C.).

Ruy Galvão, vencendo os obstaculos todos que um film apresenta ao seu productor, fez *Meu Primeiro Amor*. E' um assumpto singelo e elle o fez interpretar por Gloria Santos, Claudio Navarro e Ernani Augusto. O film, todo elle, foi feito em um anno e poucos mezes e foi exhibido, afinal, no *Parisiense*, distribuido pelo Programma E. D. C.

Mas Ruy Galvão não foi feliz com o seu film. Nem a interpretação, direcção e principalmente a photographia, são factores que lhe realcem o valor.

Na sua concepção, existem differentes pontos que não resistem á mais tenue analyse. A photographia, toda ella, é bem ruim.

Gloria Santos, a estrella do film, é uma figura que representou, para Ruy Galvão, a certeza de concluir o film, porque ella era sua noiva. Como artista, no emtanto, forçoso é que se diga que não tem qualidades. Claudio Navarro é a melhor figura do film. E' um typo sympathico, photogenico e poderá fazer successo, num film, explorado melhor o seu typo e mais aproveitado. Ernani Augusto deslocado e mal photographado, pode ser melhor aproveitado.

Locações communs e interiores pobres, mal illuminados.

Cotação: — 2 pontos.

RIALTO

A CASTELLA DAS BERLENGAS — Polly Film — Producção de 1929.

Os annuncios dizem que é um film que mostra a aviação portugueza e a marinha lusitana tambem. Apesar disso, sinceramente, não cremos que o film faça successo. Está, todo elle, muito mal confeccionado. A historia é infantil e mal urdida. A direcção é nulla. A photographia, fraquissima, má, mesmo. A interpretação, então, exaggeradissima, e todos os typos fóra dos seus papeis.

O defeito maior do film, entretanto, é a sua continuidade. Escurecem a sequencia para entrar um titulo falado. Apanham scenas nocturnas com segundos planos em positivo azul dos respectivos primeiros planos em positivo preto e branco... E, além destes, outros grandes e innumeros defeitos. O que é apresentado da marinha e da aviação portugueza, francamente, não chega a levantar o interesse pelo film. E' tão mal feito que não desperta attenção alguma. *Extras* olhando para a machina, um comico, aquelle tal Cegonha, terrivelmente sem graça, uma heroina bojuda e apparecendo como *mulher ideal*, um galã terrivelmente mal maquillado, e, além disso, uns ambientes que os letreiros dão como sendo *a elegancia portugueza no Estoril* e que, na verdade, são ambientes que só podem desmerecer a elegancia de qualquer paiz. Não cremos que os proprios portuguezes apreciem este film. Podiam ter feito cousa melhor. Ha planos, mesmo, nos quaes nota-se, visivelmente, a sombra do operador girando a *camera*, e, o que é peor, a referida sombra bem em cima da figura principal do film... *Lisboa* tinha maiores elementos de agrado e valor. Este, no emtanto, não recommendamos a ninguem.

Cotação: — 3 pontos.

:-: Como complemento foram exhibidos alguns apanhados sobre exercicios da Cavallaria Portugueza. Muito longo e cacete.

"O Mysterio das sete chaves" é para os "fans" Richard Dix...

PATHÉ

QUANDO O AMOR E' SINCERO — (Stolen Love) — Film F. B. O. — Producção de 1929 — (Programma Matarazzo).

Calor, Carnaval, semana santa... Já sabemos que são fataes prognosticos de films fraquinhos... Este não é totalmente fraco: é fraquissimo! As agencias, para esta epoca, já têm seu *stockzinho* reservado...

Marcelline Day é uma ingenua apenas bonitinha. Rex Lease o *coió* sem sorte... Owen Moore, cacetissimo. A rainha de Sabá, Madame Betty Blythe, faz gordamente uma dona de casa de modas...

Freeman Wood e Helen Lynch apparecem. A historia de Hazel Livingston é conhecidissima e a continuidade de Winifried Kay nada de novo tem. O Operador Ted Pahle nada de novo apresentou, assim como o director do film, Lynn Shores.

Cotação: — 4 pontos.

:-: Foram exhibidos em *reprise* os films "Forasteiros na Escocia" e "Aurora" com o celebre bonde que Murnau vendeu á Fox...

IRIS

PRINCIPE OU PALHAÇO? — Phoebus Film — Producção de 1928 — (Programma Barone).

O film, embora com historia banal, não é dos peores. Já vimos bem peores, até...

Ivan Petrovitch, agora em Hollywood, tem um dos mais salientes papeis. Marcella Albani secunda-o. Ella continua, sempre, a mesma bella mulher que conhecemos. Direcção de Alexander Rasumny e scenario de Alexander Dekobra. Alguns bons effeitos de *camera*.

Vejam se lhes agradam os nomes. Não ousamos recommendar.

Cotação: — 4 pontos.

OUTROS CINEMAS

O GAVIÃO DA NOITE — (The Manhattan Cowboy) — Syndicate — (Programma V. R. Castro).

A invasão dos films da Syndicate é um facto! Outra fitinha de Bob Custer é bem fraquinha.

A pequena desta vez é Ann Carter. J. P. Mc Gowan, não faz film sem que haja uma scena de luta e outra de correria de cavallos.

Cotação: — 3 pontos.

— — — :-: :-: :-: :-: :-: — — —

Varias scenas de "La tempête sur le Mont-Blanc" foram tomada no interior de uma igreja que possue orgãos possantes e particularmente celebres.

:-:

Na Bulgaria fizeram uma serie de films documentarios sobre a industria e a vida dos passaros do paiz.

:-:

Emil Jannings seguiu para a Belgica, devendo tomar parte em dois films: "Les affaires sont des affaires", de Mirbeau e "Une pelisse en Castor" de Hauptmann. As filmagens serão feitas em Bruxellas e Anvers. Será a primeira vez, depois de 1914, que um artista allemão trabalha na Belgica.

:-:

A Australia possue actualmente 1.486 cinemas, num total de 937.000 logares. 180.000 milhões de pessoas frequentam annualmente os cinemas, o que significa que cada australiano vae cerca de 30 vezes por anno, ao cinema. Em 1929, foram projectados 2.000 films, dos quaes, 88% americanos. Apenas 50 cinemas tem apparelhamento sonoro. A "Australie-Film" tem studios em Melbourne e Sydney.

:-:

Foi aberto no "How College de Glascow", um curso de 24 semanas de estudos, para operadores cinematographicos.

:-:

Betty Balfour recusou ha pouco varios contractos de fabricas americanas.

:-:

"Nord 70°-22'", que René Ginet filmou de uma reportagem de Georges Le Fevre, nos fará conhecer as Ilhas Far-Oe na Islandia Scoresbu Sund em Hurry Julet Fjord.

:-:

A "Association des Auteurs de Films", festejou a Cruz de Gaston Ravel.

:-:

Alexander Ryder vae dirigir "Un soir au front", de Henry Kistemaeckers.

:-:

"Comédie du bonheur", de Nicollas Evreinoff, será filmada em Berlim, sob a direcção de Carmine Gallone.

ORDINARIO!... MARCHE!...

(A' FRENTE, MARCHEN!) — FILM M. G. M.
BUSTER KEATON .... Elmer
Conchita Montenegro .... Mary
Outros hespanhóes tambem figuram.
Director: — EDWARD SEDGWICK

Elmer Stuyvesant, filho do millionario do mesmo nome, tinha um defeito: amava até á loucura a pequena Mary, empregadinha de balcão de uma loja qualquer da cidade. Esse amor, entretanto, ia soffrer um choque. E soffreu, realmente, quando a grande guerra foi declarada e, para ella, Elmer nada mais era do que o "filhinho de papae", sem coragem alguma e sem força para nada, muito menos defender sua Patria...

Muitos eram os desesperos de Elmer. Antes de mais nada, o amor de Mary que lhe fugia cada vez mais. Depois, o seu "chauffeur" que se fôra embora, para o alistamento e só restando, mesmo, para o servir, o seu mordomo allemão, Gustave. O remedio para o segundo mal, entretanto, parecia-lhe facil. Iria á agencia de empregos e, lá, substituiria o seu "chauffeur" patriota por outro de menos genio bellico...

Sem saber, entretanto, entrando pela Agencia, surprehende-se, sem mais tempo para recuar, quando averigua que a agencia fôra transformada em junta de alistamento e, assim, é elle forçado a se alistar. Não podendo fugir e não querendo passar pelo ultimo dos covardes, Elmer acceita e é incorporado ás tropas que seguiriam brevemente para o "front"

* * *

A perseguição do sargento Brophy, entretanto, é a cousa que mais o amofina. Não lhe dava uma folga! E assim que as forças se preparam para seguir para a França, Elmer tem a immensa satisfação e o immenso aborrecimento, em seguida, constatando que Mary tambem iria, no corpo de divisões que seguia juntamente com a tropa e, aborrecimento, porque vê, nitidamente, que o sargenfaz abertamente a côrte á sua querida amiguinha.

Na França, as cousas não melhoram. Não entrando rapidamente em combate, passam, na aldeia em que ficam, algum tempo em novos ensaios. Mary, afinal, confessa que tambem o ama e que tambem o quer e elle, felicissimo, não mais se preoccupa com Brophy. Deixa-o cortejar Mary á vontade, porque, confiante, sabe que ella já prometteu casar-se com elle e ser delle, a vida toda.

* * *

Sempre desastrado, sempre infeliz nos seus gestos, Elmer torna-se a gargalhada de todo regimento e o odio do sargento que não o pode ver nem pintado. Nas trincheiras, mais tarde, nada detem os seus continuos disparates, muito pouco, as suas aventuras de quasi terriveis consequencias para os collegas, aos quaes sempre está compromettendo com sua ingenuidade incrivel. De uma feita, advertido de que deveria tomar uma posição allemã que muito estava prejudicando a tropa com o seu contin u o metralhar, elle sahe para a missão. Chegando perto, elle constata que se trata de Gustave, seu antigo criado que, vendo-o, escreve-lhe um bilhete num papel e atira-o á posição onde elle se achava.

— Temos fome. Arranje-nos o que comer, por favor!

Era a angustia daquella situação terrivel em que se achavam, depois de muitos dias de resistencia. Voltando ás suas trincheiras, Elmer entrega o bilhete aos seus superiores que, surpresos, constatam que é o mappa da posição inimiga, completo.

— E's um heroe, Elmer! Vaes ser citado por isto, em ordem do dia!

E antes que elle tenha tempo para qualquer coisa, já o enviam para completar a missão: trazer prisioneiros os homens que vira na posição occupada pela metralhadora.

Conhecido de Gustave, elle se approxima. E quando volta ao acampamento, satisfeito, orgulhoso do seu acto, é vastamente vaiado, gosado e pilheriado: fôra assignado o armisticio e de nada mais valia aquelle sacrificio todo que elle fizera...

* * *

Para Mary, entretanto, Elmer continuava sendo um heroe. Ella bem que o comprehendia e sabia quem elle era. O beijo com o qual ella recompensou o seu acto é que foi o mais saboroso e o mais amoroso que recebera em toda sua vida...

* * *

De volta aos Estados Unidos, as situações modificam-se radicalmente. A falta de emprego passa a grassar e os chefes passam a se empregar e alguns dos "rasos" voltam a ser "filhinhos de papae"...

Assim foi: Elmer tornou-se aos seus habitos e ao seu luxo, ao lado da sua esposa Mary e tendo como secretario o commandante do seu regimento, como porteiro o sargento que sempre o perseguia e muito outros que o perseguiam em empregos que lhe permittiam tirar a suave desforra...

Da Tchecoslovaquia chegou noticia de que a Ela Film acaba de construir um studio em Bruno, (Moravia).

A imprensa ingleza commenta a abertura em Broadway, de um cinema inglez onde se fará a propaganda das producções britannicas.

"Cape Forlorn" que Dupont fará em tres versões (franceza, ingleza e allemã) em Elstree, já tem parte do seu elenco escolhido. Na versão franceza estão os artistas: Harry-Baur, Jean Max, Henry Bosc e Marcelle Romée. Na allemã: Fritz Kortner, Conrad Veidt, Heinrich George e Tala Birrell.

"Un soir au bord du Nil" é o nome de uma nova producção filmada no Egypto, nos jardins de Nouzha e nas margens do Nilo.

O director da Egypt- National-Film que é tambem o creador de "Grand Rabbat" encontra-se desde algum tempo na Syria. Depois de terminar a filmagem de seus tres films: "Fatalité de la vie", "Le désert enflammé" e "Le sacrifice", elle embarcará para a Europa, a negocios.

A "Ramsée-Film", do Egypto, tambem annuncia a sua proxima producção "Zeinab", de um scenario do Dr. Hussein Haykard Bey.

o mesmo faça mais publicidade minha do que delle...

Stan quiz intervir. Alguns tapinhas puzeram-no calado.

— Quer dizer que o senhor é do Brasil?...

— E'... Exquisito, não é?... Mas é verdade...

— Mas eu conheço muito sua Patria!

— Muito?...

— Então? E os côcos da Bahia?...

Achei graça... Ora essa! Onde diabo fôra aquelle cavalheiro descobrir a piada?...

Logo depois, entretanto, entrou com as "gaffes" que Stan ás vezes queria corrigir mas elle sempre interrompia com os classicos tapinhas...

— Tenho muita vontade de conhecer Buenos Aires! "Mucha voluntad!"

— Bem, caro amigo... E eu com isso?...

— Hom'essa! Então não se interessa pelo interesse que tomo pela sua interessante Patria?...

— Bem. Mas que tem Buenos Aires a ver com ella?

— Pois Buenos Aires não é a Capital?...

— Não... A Capital é Nicaragua! Buenos Aires é Capital do Chile, amigo... O Brasil... Bem, deixe-me explicar: o Brasil é um Paiz aonde se fala Brasileiro, entendeu?... Nada de hespanhol!

— Não se fala hespanhol?...

— No Spanish ...

Interrompeu o Stan, surpreso e rindo, depois, imbecilmente e olhando Oliver que já encabulava e tornava a enrolar os dedos...

— E como é que nossos films falados em hespanhol fazem successo, lá?..

— Porque nós falamos qualquer lingua, amigo! Brasileiro, mesmo, falamos em horas vagas... Qualquer criancinha Brasileira fala até Arabe!!!

Stan olhou Oliver. Depois perguntaram a um só tempo.

— E inglez?

— Ora... Inglez é cousa que até criancinhas de 4 annos já sabem! Bananas, então e nozes, essas nozes que vocês aqui conhecem como *trouxas* (nuts) e que dizem que vêm do Brasil, sabem?...

— Sim. E que têm as bananas e as nozes com a conversa?

— Têm que as bananas, lá, são plantadas á noitinha e colhidas no dia seguinte, pela manhã...

— O que! Não diga!...

— Digo, sim! E, aliás, cousa engraçada; os que comem isso...

— Isso o que?

— As bananas!

(*Continúa no fim do numero*)

(*De L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood*)

Elle revirou os dedos, sorriu imbecilmente e, depois, num gesto afeminado, empurrou-me o dedão gordo pela barriga a dentro.

Saltei! Já me preparava, como bom bahiano, para me "espalhar" ali e entrar de cabeça naquella immensa pança, quando vi o outro, o magro, que chorava e ria, simultaneamente, dizendo, encabulado, apontando o gordo:

— Vamos, Mr. Marino, tenha paciencia! Elle é maluco, sabe?...

E o gordo continuava o manejo dos dedos e eu continuava querendo dar umas cabeçadas...

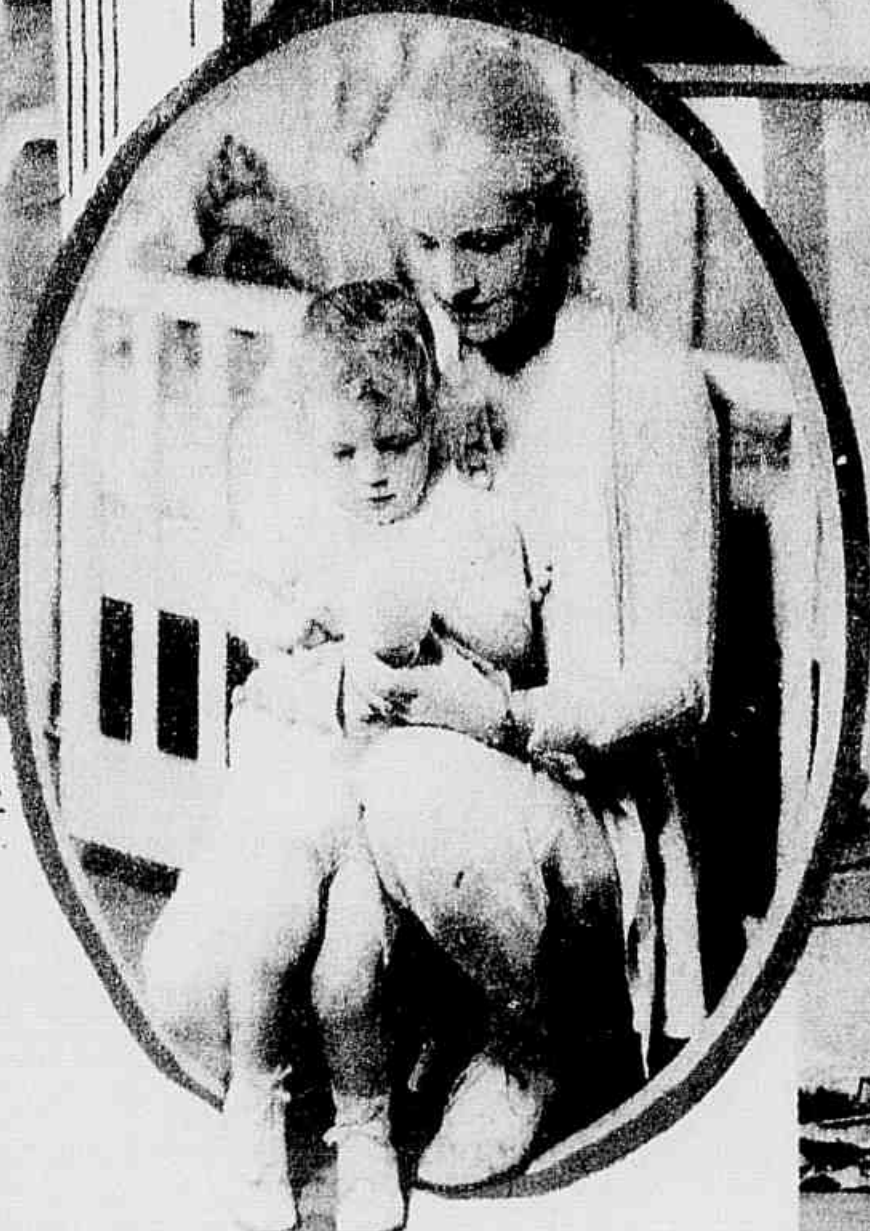
\+ + +

Foi assim que conheci Oliver Hardy e Stan Laurel. O gordão veiu logo com confianças e o magricella com explicações. Que pandegos! Eu, francamente, tenho sido recebido de muitas formas: pelos olhares cahidos de Carol Lombard, pela malicia de Rosita Moreno, pelas piadas cretinas do Jack Oackie e por muitos outros barbados e outras pequenas de "it". Mas assim, francamente, era a primeira vez travava conhecimento com alguem...

A explicação é facil: Oliver é extremamente dado, extremamente camarada. Mal é apresentado, entra logo com as confianças mais intimas e com as anecdotas as menos confessaveis... Stan, ao contrario, é mais timido. Tenta explicar, justamente na forma das suas comedias, a attitude de Oliver e, não raro, recebe deste, quando começa a explicar, uns tabefes na mão ou uns pescoções por conta do futuro póntapé...

Uma pandega! O caso é que foi assim que elle me recebeu.

— Stan não sabe o que diz e nem o que quer, caro senhor. Assim que elle me vê intimo e camarada com algum jornalista, inveja-me, logo, com medo que

VEIU
DO
THEATRO.
E
CONTINUA
FALANDO
EM
HOLLYWOOD.
Ann
Harding

Sally Eilers

AGORA, A NOVA ESPOSA DE HOOT GIBSON.

Onde está Colleen Moore?...

(FIM)

pel que foi escripto para Hedda Hopper e nenhuma outra poderá fazer e, outro, especialmente construido para Rose Dione. Conto já com ellas...

— Depois disso, Colleen?...

— Depois disso?... Talvez um outro film. Talvez a Europa. Talvez Tahiti...

Depois, falando das suas ambições, perguntámos alguma cousa sobre seu casamento. Ella se esquivou habilmente do assumpto. Depois, então, falámos das suas ambições artisticas.

— Ah, sim, como não? Fazer "Madame Butterfly". Mas não em opera. Em drama, com musica, apenas. Eu não posso e não devo cantar. Se tivesse a voz de Bebe Daniels, por exemplo, eu cantaria a qualquer hora, por qualquer motivo. Mas, infelizmente, eu não tenho. "Mademoiselle Fifi" (Footrights and Fools) e "Smiling Irish Eyes", foram films nos quaes eu cantei. O publico queria ouvir-me e eu precisava cantar. Mas antes não o fizesse. Estive tremendamente detestavel...

Falando de Hollywood, ella me disse, concordando com uma opinião de Virginia Valli que, ha dias, já me havia dito que ella recebera telegrammas de anno bom de toda Hollywood, quasi. Falando, disse ella, terminou a nossa entrevista com esta phrase:

— E' verdade: toda Hollywood me quer muito bem. Parece que só os productores é que não me estimam muito...

Uma carta para Clara Bow

(FIM)

Um seu vizinho, pobre, tinha tirado com sua horrivel machina. Eu vi você, pessoalmente, quando você levou as photographias e, quando chegou o prazo da solução, eu opinei por você e mostrei aos outros julgadores. E' que você nem dava confiança ás demais concurrentes, apesar de ter os peores retratos do mundo. Uma cousa eu reconheço em você, naquella época. Foi, sem duvida, a que com maior decencia se portou. Algumas procuraram "flirtar" com os juizes. Outras, mais ousadas, ainda, exhibiram-se em vestidos tremendamente... singelos. Você, no emtanto, exhibiu-se como realmente era Com singeleza, com enthusiasmo. Venceu.

Eu queria que esses que chamam você de sensual, de perigosa, de vampiro, vissem você naquelles tempos. Queria, palavra! Mudariam de opinião, incontinenti. Você era singela, absolutamente singela.

Naquella época, igualmente, eu conheci uma Clara Bow que ninguem conheceu, até hoje. Sua mãe estava doente. Um velho rico, naquella época, perseguia-a com promessas que não, propriamente, aquellas que se fazem a uma pequena decente como ella era Havia, no coração daquella menina, uma angustia terrivel. Era extremamente pobre. Sua mãe, maluca, definhava em ataques medonhos, crueis. E, ainda por cima, habitavam um quarto pauperrimo, sem conforto algum e a pobre enferma mais ainda soffria por esse motivo. Clarinha esteve ouvindo varias vezes as propostas do velho. Varias vezes esteve no meu escriptorio, conversando commigo, ouvindo-me. Não poucas vezes eu li a decisão malvada no seu olhar e o desejo de tudo fazer para melhorar a angustiosa situação de sua pobre mãe. Mas, felizmente para ella, "Down to the Sea in Ships", o seu primeiro film e aquelle que lhe deu nome, igualmente, entrou em confecção e ella, vencedora do concurso, era a primeira figura feminina do elenco. Desgraçadamente, entretanto, sua mãe não resistiu á molestia que redobrava de furia e falleceu, infelizmente, antes de cahir nas mãos de Clarinha a primeira moeda de ouro que significava conforto, socego, vida boa. Viveu na miseria, morreu na miseria. A menina sua filha não conseguiu siquer fazer seu enterro. Hoje, entretanto, atira trinta mil dollars em escandalos...

Eu posso contar-lhes o que é que Clara Bow pensa dos homens. Ella é uma mulher que nunca teve carinhos. Seu pae é um pobre diabo, sem intelligencia e sem educação. Não tem parente algum que lhe valha. Abandonada, equilibrando-se com sua propria vontade, Clara Bow queria alguem que ella amasse, com extremos e que a amasse, igualmente, com ternura. Buscando esse alguem é que ella deu os passos em falso que têm dado. Tem sido infeliz, nos seus amores, como tem sido infeliz em tudo, na vida. Mas o que aconselho e que ella não segue, nunca, é que deixe esses procedimentos, ande correcta e verá, rapidamente, como lhe apparecerá o conforto espiritual que deseja e o carinho que precisa. E', apenas, uma questão de proceder bem.

Agora, approxima-se, Clarinha, o momento de você fazer alguma cousa para não morrer de vez para o publico. Você precisa reagir, não dar mais escandalos. E' preciso! Quando você ainda principiava sua carreira, ia buscar meus conselhos. Agora não vem mais e não liga a conselhos de ninguem. Mas a razão pertence ao mundo, Clarinha, não teme. Deixe disso, volte ás boas com sua consciencia e, depois, verá que tudo lhe sorrirá com muito mais alegria, com muito maior interesse. Não me culpe pelos conselhos e pelas phrases asperas. Se você encontrasse alguem que lhe passasse umas palmadas bem passadas, você ficaria curada, menina. E' disso que você precisa e isto que lhe desejaria dar, para seu bem, esta sua amiga sincera demais,

Adele Whitely Fletcher

◆ ◆ ◆

Já vêem que a pequena anda dando cabeçadas, mesmo, não é?... Mas Clara Bow está como certos papagaios. Falta-lhe um pouco mais de lastro para se equilibrar. E, agora, a vida já lhe deu bastante lastro...

TRINDADE MALDITA

(FIM)

Hercules, atira-se á jaula do gorilla e, abrindo-a e fugindo, em seguida, dá a morte ao gigante e ao anão que, esmagado pela força medonha do macaco, succumbe em poucos segundos, depois de ligeira tentativa de fuga e luta.

⁂

No julgamento, Rosie estava presente e, ao seu lado, a velha vendedora de papagaios. Hector, sem saber o que dizer, mais se compromettia com seus silencios que mais pareciam confissões do que defesa... Ao cabo do julgamento, estava condemnado. Vendo tudo perdido, Echo resolveu jogar as suas cartadas. Depoz, falou, explicou. De nada, entretanto, valeram as suas affirmações e, segundos depois, via que seus esforços eram mais um vez inuteis. Assim, aproveitando-se de um instante em que conseguiu passar por Hector, disse-lhe aos ouvidos, baixinho:

— Mova os labios, apenas, que eu falarei por você e salvarei tudo!

Hector, attonito, sem saber o que fazer, resolveu seguir o conselho, como unico recurso. E, assim, pela voz de Echo elle pediu licença para "contar tudo" e para relatar o que se passava naquella casa de passaros, cousa essa que elle quizera até então occultar para não compromettor seus companheiros.

E, rapidas, as palavras foram proferindo as verdades. Estas, surprehendentes para o proprio Hector, eram a revelação que o jury esperava para absolver o rapaz e condemnar a quadrilha.

Terminado o "seu" depoimento, Hector, descobre toda a verdade e Echo, mesmo, desvencilhando-se do seu disfarce, entrega-se á prisão. Iria cumprir a pena que lhe dessem. Mas iria contente. Deixava nos braços fortes e protectores de Hector o corpo delicado e a alma regenerada da sua muito querida Rosie...

ELLES DOIS

(FIM)

— Ah!... Quem são?

— São patricios seus e outros, amigos, que por ali apparecem de bocca aberta...

— Bocca aberta?...

— Sim! A' espera de um pedaço do Pão de Assucar...

Os dois estavam tontos. Já se sentiam mal. Olhavam por ali e, coitados, não viam nem sombra de uma camisa de força...

— Mas o senhor disse que era representante de...

— De CINEARTE.

— Ah! Lembro-me, CINEGRAPHICO!

— Não, CINEARTE!

— CINEARTE?...

— E'... (Arre!!!)...

— E o que quer que lhe diga?...

— Ora, o seu "peso", por exemplo...

Oliver zangou-se. Franziu a testa e poz-se a chorar encostado ao hombro de Stan. Este, tambem chorando e rindo, respondeu, gosando a piada:

— Mais de duzentos, amigo, mais de duzentos!

Oliver pisou-lhe o callo e emquanto elle cotucava-lhe o olho, com o dedo espetado, eu tratava de garantir a retirada daquelle "frége" que se formava...

Depois acalmaram-se, Oliver continuou:

— Temos orgulho em falar para a sua revista, Mas... confesso que fiquei surpreso quando me disse que lá não se fala hespanhol...

— Aliás é a surpresa de todos, sabe?

— E como é que ninguem sabe disso?

— E' que todos, aqui, têm todos os exames. Menos um: geographia...

— O que?...

— Sim... E, tome estas...

Atirei-lhes, diante dos olhos vorazes, o meu album de vistas do Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco e outros pontos do Paiz. Elles foram ficando "groggys". Depois olharam-se. Stan sorriu e Oliver olhou-me, surpreso...

— "So this is"...

— Brasil, sim!

— E nós que pensavamos que lá os mosquitos fossem do tamanho de uma girafa e os indios os assaltantes das proprias ruas centraes.

Depois replicaram.

— Gostariamos muito de ir á sua Patria. Iremos, nas nossas primeiras férias!

Eu, que já conheço a manha, respondi, affectando grande interesse:

— Perfeitamente, é só avisar. No Rio, mandarei o dr. Juliano Moreira esperal-os e, em S. Paulo, irão para o Hotel Juquery, o mais amplo e o mais moderno que lá existe... Acceitam?...

— Como não! E qual é seu endereço aqui para avisar?...

Dei o endereço. Depois veiu um "cabra" mal encarado que chamou-os para entrar em scena e, assim, tive que me despedir e deixal-os a sós. Restava-me uma grande consolação: havia gosado mais os dois "comicos" do que todos vocês que applaudem os films realmente engraçados que elles fazem...

O mysterio do dominó preto

(FIM)

Fernando Almeida... O Tenente, sem relutar, sorriu.

— E' engano seu, meu caro redactor. O que achei interessante, entretanto, é que, de facto, conheço um pouco essa senhora á qual se referiu...

E sorriu. Virgilio pensou, naquelle momento, que se achava diante de um criminoso nato, desses cynicos e completamente desnaturados. Com que calma elle ouvira aquillo! Com que calma! Resolveu atacar com mais violencia.

— Tenente: essa mulher está morta!

— Morta?!...

E elle se ergueu, rapido, como que impellido por uma mola:

— Sim, morta, dentro do meu appartamento e eu tenho, commigo, este documento que, apesar de dactylographado, é a sua condemnação.

Mostrou-lhe o bilhete. Renato, terrivelmente chocado com aquella situação, leu, ávido. Depois, sem se aperceber da permanencia de Virginia ao seu lado, exclamou, baixnnho, imperceptivelmente:

— Minha noiva!!!...

— O que?

— Nada, senhor... E' commigo...

— Eu preciso livrar-me do cadaver dessa mulher, meu caro Tenente. Recolhi-a na Avenida, já á morte, levei-a para minha casa. Ha de comprehender que a situação é extremamente embaraçosa para mim e resolvi procural-o porque sei que é ou foi seu amante...

— Senhor!

— Não negue. Ella propria confessou! Além disso, senhor Tenente, eu não quero levar este bilhété á policia e compromettel-o. Dê a solução que quizer! Mas é preciso que dê uma solução...

Renato pensou. Preoccupado, preoccupadissimo, mesmo, comprehendia alguma cousa que Virgilio não podia alcançar. Lembrava-se de sua noiva... Por que?... Só mesmo elle poderia saber...

— Bem, senhor Virgilio... Eu acceito o que me offerece. O senhor, amanhã, ás tres horas da tarde, procure-me e entregue-me o cadaver dessa mulher: eu saberei dar, ao mesmo, a solução que o caso requer.

Separaram-se. Virgilio levava uma impressão de curiosidade no cerebro, por causa de todo aquelle mysterio. Renato, ficando, guardava outra, muitissimo differente e só murmurava, soturnamente:

— Minha noiva!... Minha noiva!...

◆ ◆ ◆

No dia seguinte, quando Virgilio se encontrou com Renato, depois de ter o cadaver de Cleo no local marcado, comprehendeu mais um pouco o mysterio. Ao lado delle, profundamente nervosa, angustiada, uma moça. Ao ver approximar-se Virgilio e sabendo ao que elle vinha, precipitou-se:

— Senhor! Sei que é da policia! Preciso lhe dizer, antes de mais nada...

— Alice!

— Ora, Renato, deixe que eu fale!

— Não a ouça, senhor, ella é minha noiva, teme por mim, quer livrar-me de culpas!

— Não! E' verdade! Quem a matou fui eu!!!

— Alice, mentes!!!

— Não minto! Ella era tua amante! Eu te queria só para mim, embora ainda não fosse tua esposa. Renato, eu passei noites em claro, com ciumes, noites de soffrimentos atrozes. Um dia, espiando a casa della, vi quando sahiste e vi, ainda, quando lhe beijaste a mão, amoroso! Eu sabia que tambem lhe havias beijado os labios! Eu odiava essa mulher!!! Odiava-a com o estratagema que usei...

— Mas ella disse, senhorita, que era um homem, aquelle que a envenenou...

— Mentira della! Fui eu. Eu mesma!

(Termina no fim do numero)

O mysterio do dominó preto

(F I M)

Renato acalmou-a. Depois, conseguindo que ella se afastasse e tomasse o carro que elle tinha ali perto, dirigiu-se com Virgilio para o local onde se encontrava o cadaver de Cleo. Passou-o para outro carro, em sua companhia e, deante de Virgilio e Marcos, attonitos e sem comprehender nada, sahiu, sem dizer mais nada...

* * *

No dia seguinte, quando se ergueram, Virgilio e Marcos tiveram uma só idéa: jornaes!!! A calma de Renato ditava essa resolução que lhes veiu... Depois que tiveram as folhas que já circulavam naquella Quarta-feira de Cinzas, comprehenderam todo aquelle mysterio: — o assassino fôra um irmão de Alice, a noiva de Renato. Elle a creára, elle fôra todo seu amparo. Depois, percebendo que Cleo era o tropeço á feicidade della, resolveu exterminal-a e foi do recurso conhecido do bilhete dactylographado que elle se aproveitou para levar avante o seu plano de envenenamento. Isto tudo se sabia, porque Renato levára o cadaver de Cleo para a policia e lá, com grande surpresa, encontrára o de Julio, seu futuro cunhado, que depois de escrever sua confissão, matara-se, num arremesso de loucura para nem assim atrapalhar a felicidade de sua irmã...

* * *

Depois da leitura, pensativos, Marcos e Virgilio olharam-se. Marcos, depois de alguns segundos, disse apenas isto:

— Perdemos um Carnaval, amigo... E perderemos outros se ainda continúas a trazer dominós pretos para cá...

Rosa encantadora

(F I M)

Dias depois de sua insistente frequencia naquella casa, Rose põe Edward, filho de Julie, completamente apaixonado por ella. O progredir dessa paixão vae trazendo, tambem, para ella, revelações sensacionaes sobre o caso que lhe interessava e, assim, vem ella a saber que as acções que tanto procurava achavam-se em poder de Julie, em sua propria casa.

Mais dias se passam e, num delles, Edward propõe fuga a Rose. Esta acceita e lhe diz, apenas, que não o poderão fazer, a menos que não tenham muito dinheiro. Elle lhe diz, então, que lhe seria facil roubar as acções da casa de sua mãe e, assim, poderiam fugir socegados, que seriam felizes sem que ninguem os importunasse. Rose concorda com o plano do rapaz e até o incita a realizar immediatamente o que dissera, porque ella "achava-se tremendamente apaixonada por elle".

Animado pela phrase della, dirigem-se para a casa de Julie, lá, Edward mette mãos á obra. No momento em que conseguia deitar mãos ás acções, Edward é atracado por Steve Wallace, que impede o proseguir nos seus passos.

— Dá-me isso, menino!

— Não!

— Dá-me!

— Não!

E atracaram-se em luta. Aproveitando-se da situação, Rose deita mãos ás mesmas e, antes que qualquer um delles percebesse, foge. Na fuga, entretanto, é detida por Julie que, vendo e comprehendendo seu manejo, tenta impedir-lhe os passos. Ella continúa firme. Julie interpõe-se e Rose, rapida, atraca-se com ella em luta corporal até vencel-a, rapidamente, pelo impulso com que age e pela cega vontade de levar a cabo seu plano.

Logo depois, entregando as acções nas mãos de Payton Hale, dizendo que as descobrira num canto secreto de sua mesa de trabalho, volta para sua casa e para os braços de John Trask que, de facto, era da familia dos Trasks da Virginia, como vóvó queria....

Solicitam-nos do Gabinete do Sr. Sub-Director do Trafego Postal:

"Numerosa é a correspondencia (cartas, impressos, amostras) que cahe em refugo por falta ou insufficiencia de endereço, quer do remettente, quer do destinatario.

No intuito de reduzir ao minimo a correspondencia não entregue aos destinatarios, nem restituida aos remettentes, está sendo organizado em cada Repartição distribuidora, um indicador de residencias, escriptorios, etc.

Para que o trabalho seja o mais perfeito possivel, esta Sub-Directoria faz o seguinte appello a todos quantos se utilizam frequentemente do Correio e não têm seus endereços na lista dos telephones ou nos almanachs:

a) — que enviem por escripto a esta Sub-Directoria, seus nomes, residencias ou escriptorios;

b) — que participem na Repartição distribuidora mais proxima, as novas residencias, quando se mudarem;

c) — finalmente, que quando escreverem indiquem no verso da correspondencia — seus nomes e residencias.

Esta Sub-Directoria espera que seu appello receba de todos o maior "acolhimento."

Roland Young, o director Edwin Knopf e Raquel Torres, fazem annos a 11 de Novembro.

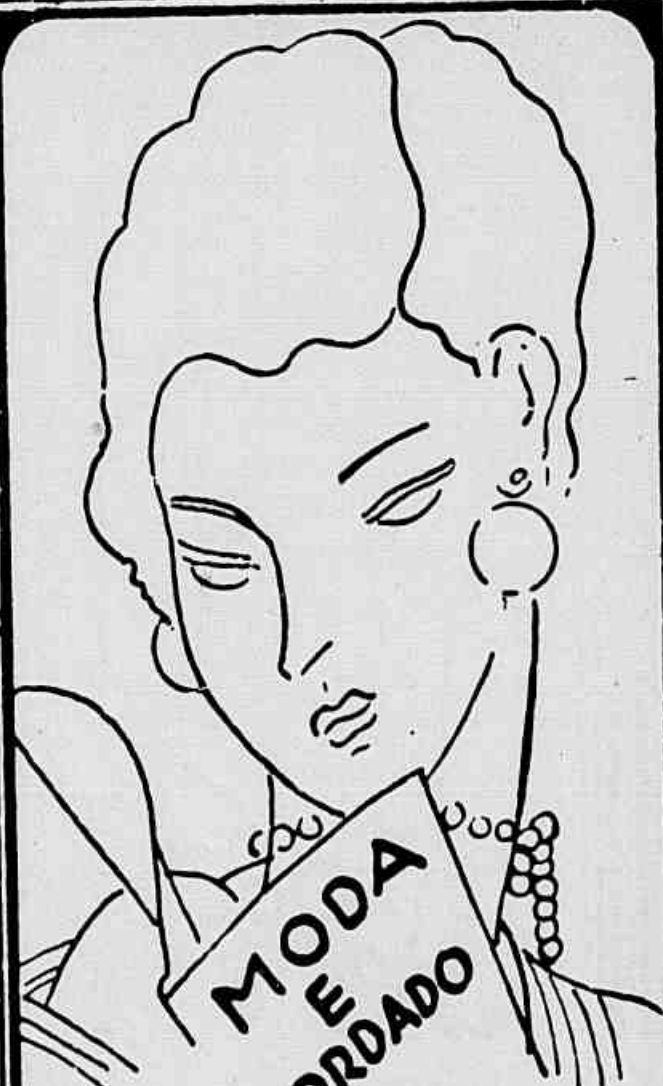
* * *

A Fox poz José Mojica sob grande contracto para reeditar films de successo em versões hespanholas. Somos dos que desejam que estas versões não nos attinjam...

* * *

Jack Oackie e Gwen Lee fazem annos a 12 de Novembro.

AVISO

Afim de regularizarmos a remessa, pelo Correio, das nossas publicações, solicitamos a todas as pessôas que as recebiam, enviar com urgencia seus endereços ao escriptorio desta Empresa á rua da Quitanda n. 7 — Rio de Janeiro.

os mais apreciados trabalhos de *broderie*, a elegancia do lar, toda uma escola de bom gosto para o vestuario e para o requinte fidalgo e distincto da habitação — são encontrados na revista mensal *Moda e Bordado*. Mais de 120 modelos parisienses de facil execução, bordados á mão e á machina. Conselhos sobre belleza e elegancia. Receitas de pratos deliciosos e economicos. Procure a gentil leitora, hoje mesmo, adquiril-a, escrevendo á Empresa Editora de *Moda e Bordado* — Rua da Quitanda nº 7 — Rio de Janeiro — e acompanhando seu pedido da importancia em carta registrada com valor, vale postal, cheque ou sellos do Correio. Os preços de *Moda e Bordado* são os seguintes: Numero avulso... 3$000; assignatura annual 30$000; semestral 16$000.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
MARIO BEHRING E ADHEMAR GONZAGA

DIRECTOR-GERENTE
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — Estrangeiro: 1 anno, 78$000; 6 mezes, 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua da Quitanda n. 7 — Telephones: Gerencia: 2-4544 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

The Single Sin, da Tiffany, terá Kay Johnson no primeiro papel.

* * *

Para reforçar as hostilidades que Joseph Schenck, presidente da United Astists, ha tempos inaugurou contra o **trust** de Cinemas da Fox, na costa do Pacific, resolveu, o mesmo, que os **astros e estrellas** da United appareçam no palco do Alhambra, aonde estão agora sendo exhibidos os films da United. Os primeiros que apparecerão, num só programma, são Al Jolson e Eddie Cantor, dois idolos, de uma só vez... Os demais artistas principaes farão o mesmo.

NÓS
OFFERECEMOS
DINHEIRO...
SÍM,
Porque todos ganham
dinheiro e augmentam
as suas vendas
annunciando
nas Revistas:
Eu vi: - Para-todos... - Cinearte -
O Tico-Tico - Moda e Bordado -
O Mez Illustrado - Illustração
Brasileira - Leitura para todos

IPANEMA T.N.
611
é
melhor pasta
para dentes